

## PESQUISA QUALITATIVA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: MARCO TEÓRICO E MODOS DE USAR

### QUALITATIVE RESEARCH IN BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION: THEORETICAL POSITIONS AND USAGES

Silvana Vilodre Goellner\*  
Alberto Reinaldo Reppold Filho\*\*  
Alex Branco Fraga\*\*\*  
Janice Zarpellon Mazo\*\*\*\*  
Marco Paulo Stigger\*\*\*\*\*  
Vicente Molina Neto

---

#### RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência partilhada de professores de pós-graduação na disciplina Instrumentos para Coleta e Investigação em *Pesquisa Qualitativa*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. O artigo está organizado em cinco eixos: etnografia, pesquisa historiográfica, análise de discurso, análise de imagens e ética em pesquisa. Em cada eixo são esboçados os marcos teóricos que o sustentam, bem como apresentados exemplos de como estes podem ser utilizados a partir de pesquisas produzidas por discentes do próprio programa.

**Palavras-chave:** Pesquisa qualitativa. Etnografia. Pesquisa historiográfica. Análise de discurso. Análise de imagem. Ética na pesquisa.

---

#### INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, não basta para o investigador que atua na área de conhecimento Educação Física dizer que seu estudo (dissertação, tese ou artigo científico) segue o viés qualitativo para que este esteja plenamente justificado diante da comunidade acadêmica. A pesquisa qualitativa, muito mais do que um conjunto de procedimentos organizados para representar os fatos, os fenômenos, enfim, a realidade, constitui-se, dado o seu desenvolvimento tanto no Brasil quanto em âmbito internacional, em um campo de estudos complexo que ultrapassa as fronteiras disciplinares, comunidades de investigadores e

áreas de conhecimento, adequando-se ao estudo de problemas de conhecimento científico em inúmeros setores da atividade humana. É possível encontrar pesquisas qualitativas tanto no âmbito das ciências naturais quanto no das ciências humanas. Elas estão presentes na Medicina, na Sociologia, na Antropologia, na Filosofia e na Física. No livro organizado por Denzin et al. (2006) é possível encontrar suporte para diferentes desenhos de investigação qualitativa, entre eles, as etnografias tradicionais e os estudos culturais que abordam questões de gênero, raça e classe social no ambiente escolar e fora dele.

A pesquisa qualitativa lida com a subjetividade, portanto implica organicamente

---

\* Professora da ESEF/UFRGS. Coordenadora do Centro de Memória do Esporte e do Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura (GRECCO). Pesquisadora Produtividade Pesquisa CNPq.

\*\* Professor da ESEF/UFRGS e Coordenador do Centro de Estudos Olímpicos e do Grupo Interinstitucional de Estudos Olímpicos.

\*\*\* Professor da ESEF/UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Corpo e Cultura (GRECCO).

\*\*\*\* Professora da ESEF/UFRGS. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre História e Memória do Esporte (NEHME).

\*\*\*\*\* Professor da ESEF/UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física.

\*\*\*\*\* Professor da ESEF/UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE). Pesquisador Produtividade Pesquisa CNPq.

os sujeitos que a empreendem. Também coloca a relação epistemológica, ao mesmo tempo uma relação de poder, sujeito-objeto de investigação em níveis de simetria aceitáveis, diferentemente de outros desenhos metodológicos, que a instrumentalizam de modo perverso, transformando o objeto de investigação e seus colaboradores em função dos objetivos do pesquisador. Equalizando essa relação, a pesquisa qualitativa, sobretudo, transforma os colaboradores de um estudo em coautores e protagonistas dos processos metodológicos. Daí sua pertinência e eficácia no trato dos problemas de pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, em particular no campo da educação, e de modo ímpar, no trato dos problemas da Educação Física, que vão além dos aspectos descritivos empregados em desenhos de investigação empírico-analíticos.

Investigações qualitativas no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) estão presentes desde seu início, em 1989, quando desenvolvia suas atividades somente em nível de mestrado. Naquele ano, ingressaram no Programa doze estudantes; desse grupo, entre os quatro primeiros que concluíram o curso em 1992, apenas um apresentou um desenho qualitativo<sup>1</sup>. Vale destacar que o desenvolvimento das linhas de pesquisa e das áreas de concentração ao longo da história do Programa favoreceu a multiplicidade dos desenhos de investigação produzidos em seu interior.

Nesse sentido, conforme sublinham Molina Neto, Muller e Amaral (2003), a partir de 1990, logo depois do início das atividades do PPGCMH, professores da Escola de Educação Física da UFRGS participaram de programas de doutorado no continente europeu, interessados em investigar questões do campo da Pedagogia, da Sociologia e da Antropologia do Esporte e da Educação Física. Sua participação e consequente retorno ao país nos anos de 1995 e 1996 foram decisivos para o desenvolvimento de pesquisas qualitativas alternativas ao desenho descritivo-explicativo e empírico-analítico, especialmente para os desenhos de investigação etnográficos.

Considerando as tradições da área de conhecimento Educação Física, sua diversidade, divergências e desigualdades, podemos dizer que as pesquisas fora do modelo empírico-

analítico são minoritárias no contexto do PPGCMH, pois ao longo da existência do Programa, as pesquisas qualitativas têm girado em torno dos 35% do total de teses e dissertações defendidas (MOLINA NETO et al., 2006). Este índice é inferior àqueles dos projetos contemplados com bolsa de produtividade científica do CNPq, que, em 2005, registravam 37,77% de investigações com abordagem metodológica fenomenológica hermenêutica e 6,68% com abordagem crítico-dialética.

Apesar, porém, de essas pesquisas ainda serem numericamente minoritárias, considerando-se o volume da produção científica da área de conhecimento Educação Física, os argumentos arrolados acima ajudam-nos a dizer que os pesquisadores do PPGCMH que utilizam a pesquisa qualitativa como modo de produção de conhecimento têm oferecido contribuições significativas para a Educação Física brasileira e para o desenvolvimento desse Programa. Do mesmo modo, os estudantes que dele participam recebem uma formação metodológica ao mesmo tempo sólida e com especificidade.

Nos primeiros currículos do PPGCMH, os conteúdos sobre aspectos epistemológicos e técnicas de coleta de informação da pesquisa qualitativa ensinados aos estudantes estavam diluídos na disciplina *Metodologia da Pesquisa*. Nessa época, os professores Airton Negrine e Adroaldo Gaya desenvolviam a disciplina em conjunto. Cabia ao professor Negrine desenvolver os conteúdos relativos ao modo de produção de conhecimento através da investigação qualitativa, enquanto o professor Gaya tratava, além de aspectos epistemológicos, dos conteúdos relativos à abordagem empírico-analítica.

Atualmente, a discussão epistemológica de caráter mais geral está concentrada em uma única disciplina, e os conteúdos relativos à discussão epistemológica mais específica e ao tratamento das técnicas de produção da informação qualitativa estão distribuídos e entre os professores orientadores e sob sua responsabilidade, e foram agrupados em torno da área de concentração *Movimento Humano, Cultura e Educação* (Alberto Reinaldo Reppold Filho, Alex Branco Fraga, Janice Zarpellon Mazo, Marco Paulo Stigger, Silvana Vilodre

Goellner e Vicente Molina Neto, responsável pela coordenação da referida disciplina). Além disso, há um conjunto de teses e dissertações que utilizam análise de documentos, observação participante, diários de campo, entrevistas semiestruturadas, histórias de vida, análise do discurso, análise visual, história oral, grupos de discussão e outros assemelhados que atestam o acerto no desenvolvimento atual do currículo.

Inspirada nas ciências humanas e sociais, além das ciências da educação, e apoiada em trabalhos teórico-práticos de pesquisa, a disciplina que se ocupa dos conteúdos da pesquisa qualitativa no PPGCMH ajuda o estudante a compreender as diferentes fases da investigação científica em seu processo de concretização. Parte dos princípios fundadores da compreensão epistemológica deste tipo de investigação para, posteriormente, investir na operacionalização da coleta de informações, em que os estudantes experienciam o uso de seus principais instrumentos. Colocando ênfase nas teorias e métodos mais adequados para o estudo da realidade brasileira, os alunos tomam contato com os principais autores e textos que tratam da pesquisa qualitativa na área de conhecimento Educação Física. Os principais objetivos são:

- refletir brevemente sobre os principais enfoques teóricos que podem orientar metodologicamente o desenvolvimento de um estudo qualitativo sobre um fenômeno do âmbito da área de conhecimento Educação Física e Ciências do Esporte;
- identificar e compreender os procedimentos teórico-metodológicos mais adequados para investigar problemas da Educação Física e do esporte na realidade brasileira, a partir da perspectiva da pesquisa qualitativa;
- efetivar uma reflexão sobre os diferentes instrumentos de coleta de informações utilizados na pesquisa qualitativa, com a finalidade de qualificar os estudantes de mestrado e doutorado em suas opções e decisões metodológicas durante a elaboração e execução de seus projetos de investigação;
- distinguir, de modo compreensivo, as diferentes fases de um processo de pesquisa qualitativa.

Como pode ser visto, são objetivos ambiciosos e difíceis de alcançar em um semestre acadêmico, em 60 horas/aula; contudo, considerando-se o conhecimento e a experiência de investigação acumulados pelos professores da área de concentração em diferentes desenhos metodológicos (estudos culturais, pesquisas bibliográficas, etnografias, histórias de vida, grupos de discussão, pesquisa histórica, cultura visual, análise do discurso e outros), a reflexão teórica pretendida caminha junto com a discussão dos instrumentos de coleta de informação, o que, como afirmamos anteriormente, dá uma compreensão bastante abrangente do que seja o processo de pesquisa qualitativa.

Considerando as questões supracitadas, este artigo tem como objetivo apresentar a experiência partilhada dos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano no que se refere à operacionalização da disciplina *Instrumentos para Coleta e Investigação em Pesquisa Qualitativa*. Para tanto construímos um texto coletivo, no qual cada docente explicitou o marco teórico de um desenho metodológico, mapeou algumas pesquisas já realizadas dentro da abordagem escolhida e exemplificou seu uso a partir de sua própria experiência de orientação.

Considerando a especificidade dos autores no que tange à sua intervenção no campo da pesquisa e a tentativa de adensar a análise sob diferentes enfoques teórico-metodológicos da pesquisa qualitativa, optamos por dividir o texto em cinco partes. Iniciamos abordando a pesquisa etnográfica como uma possibilidade de investigar o esporte, o lazer e a atuação docente para, posteriormente, desenvolver análises sobre os estudos historiográficos na Educação Física brasileira, situando sua consolidação desde os anos 90 do século XX. Nos dois itens subsequentes, desenvolvemos uma espécie de mapa teórico sobre a análise de discurso e a análise de imagens, visibilizando alguns estudos já desenvolvidos em que é possível apreender seus usos. Por fim, apresentamos algumas discussões relacionadas às questões éticas da pesquisa científica, na tentativa de indicar cuidados e problemas que ocorrem na prática científica quando examinada desse ponto de vista.

## OS ESTUDOS ETNOGRÁFICOS NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

Já há algum tempo vem crescendo, no contexto dos estudos sobre educação física, esportes e lazer, o desenvolvimento de pesquisas etnográficas. Talvez possa ser dito que, no âmbito acadêmico da Educação Física brasileira, esteja havendo – diferentemente de uma *tradição* ensaísta pela qual se caracterizava – um movimento no sentido de buscar compreender, *de dentro*, como se dão os processos de produção/reprodução cultural no universo dessas temáticas.

Esses tipos de estudo surgem dos esforços dos povos europeus, que buscavam compreender os modos de vida *estranhos* com os quais passaram a ter contato. Mas se, nos seus momentos iniciais, identificava-se o surgimento de uma *ciência da tradução* (DURHAM, 1986, p. 7), que tentava familiarizar-se com as coisas estranhas com que se deparava, hoje, voltando-se para a sua própria sociedade, os antropólogos – ainda na lógica da tradução – buscam se estranhar com aquilo que lhes é (parece ser) bastante familiar. Voltando-se hoje para a própria sociedade, agora a preocupação é descobrir como se constroem e se desenvolvem práticas culturais que, à primeira vista, por estarem tão fortemente inseridas nas nossas vidas, costumamos considerar quase como parte da nossa natureza.

No âmbito da Educação Física, é aí que se inserem os estudos etnográficos sobre atividades que acontecem no dia-a-dia de universos vinculados à área específica, como investigações que focam, entre outras possibilidades, pessoas praticando esportes em espaços públicos, crianças brincando nos recreios, idosos nas suas atividades de lazer, homens e mulheres malhando nas academias e mesmo aulas de Educação Física na escola. Inúmeras são as possibilidades – diferentes temas podem ser abordados em diferentes locais e com diversos públicos.

Considerando-se a cultura como um sistema organizado de símbolos compartilhados, sem os quais a vida coletiva seria um caos de ações sem finalidades nem ordem, um primeiro aspecto a ser destacado neste contexto investigativo é que, em todas essas possibilidades temáticas (e outras), o investigador (etnógrafo) está (deveria

estar) em busca dos significados que os protagonistas atribuem às atividades que praticam. Parte-se do princípio de que cada contexto sociocultural é um universo que tem uma totalidade com coerência interna e deve ser penetrado e compreendido pelo investigador. Mais do que tentar entender *o significado* atribuído a determinada prática, o esforço é no sentido de entender *como* os significados se manifestam e constituem um universo cultural particular. Também entendendo que a cultura se insere em contextos de lutas, muitas vezes o que o investigador identifica são processos de construção de significados vinculados a disputas entre diferentes perspectivas acerca de uma prática particular.

Com esse objetivo, o investigador vai observar as práticas de dentro, ou seja, a partir dos seus protagonistas. Isso significa desenvolver a investigação vinculada à experiência pessoal no campo e a partir da observação direta dos acontecimentos sociais, na relação de comunicação entre o investigador e aqueles que são os protagonistas do contexto cultural em estudo (LAPLANTINE, 1994; FONSECA, 1999). Isso acontece através da observação participante, que consiste na vivência, por um longo período, no contexto que se pretende investigar. Nele, o pesquisador estará em contato com modos de vida em que se encontram presentes diferentes sistemas de significação, valores e comportamentos sociais que é preciso desvelar. Posteriormente, ele vai traduzir esses modos de vida para os seus pares, o que ocorrerá dentro de uma linguagem do investigador, que deve ser portador de um aparelho conceptual especializado e de outros conhecimentos a respeito da temática em pauta (ROWLAND, 1997).

A partir de uma síntese dos pensamentos de Oliveira (1996) e Winkin (1998), pode ser dito que, nos estudos etnográficos, as tarefas principais são saber estar, saber ver, saber ouvir e saber escrever: *saber estar*, pela relação intersubjetiva que necessita ser estabelecida entre o pesquisador e os pesquisados, na perspectiva de que o primeiro consiga ter acesso ao universo conceitual/significativo dos segundos; saber *ver e ouvir*, pelo fato de que é pelas ações e pelos discursos que o acesso aos sistemas simbólicos do universo estudado será

possível (MAGNANI, 1998)<sup>2</sup> *saber escrever*, porque o resultado final de uma etnografia consiste num texto detalhadamente escrito, caracterizado como uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989).

O fato de anteriormente ter-se referido que o pesquisador *deveria* buscar compreender os significados deveu-se a que, tendo em vista ser ainda recente o uso da etnografia nas pesquisas em Educação Física, alguns investigadores não alcançam esse objetivo e desenvolvem apenas descrições superficiais dos contextos estudados. Para Geertz (1989), a diferença entre descrições superficiais e descrições densas é que a primeira apenas descreve o observado, enquanto a segunda realiza a descrição, mas se pauta pelos seus significados. O exemplo do autor acerca da piscadela de olho é elucidativo: ela é um gesto que pode ser descrito como o movimento de aproximação/afastamento das pálpebras que serve para lubrificar o olho, mas como ação social significativa, ela se vincula a uma determinada intenção, tendo um significado coletivo que é compartilhado dentro de um determinado contexto: uma “paquera”? Um código para ludibriar alguém?

Assim, para chegar ao objetivo de compreender o universo de significados em estudo, além da observação participante (materializada em registro em diário de campo), diferentes ferramentas deverão/poderão ser utilizadas, sendo a mais comum a entrevista. De acordo com Oliveira (1996), entrevistas caracterizam-se como formas especiais de ouvir, já que permitem ao pesquisador o direcionamento dos temas a serem abordados dentro do seu interesse de estudo. As entrevistas possibilitam, ainda, a partir de diferentes informantes, distintas interpretações, todas as quais constituem partes de um mesmo universo cultural. Mesmo, porém, que as entrevistas sejam importantes formas de se ter acesso aos discursos dos informantes,

[...] a abordagem etnográfica exige uma atenção especial a [...] outras linguagens que técnicas de entrevista têm mais dificuldade em alcançar. Ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida

social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita (FONSECA, 1999, p. 64).

Por essa razão, os etnógrafos sustentam seus estudos em outras formas de acesso aos modos de vida que se pretende investigar, como a análise de documentos, os questionários, as fotografias, os mapeamentos, os censos de comunidades, etc. Em certa medida, isso se relaciona com a ideia de um modelo artesanal de ciência (BECKER, 1997) no qual cada pesquisador se utiliza das teorias e métodos necessários para a investigação que está sendo feita. Fazendo uso de diferentes formas de produzir os dados e articulando-as, o etnógrafo esforça-se para alcançar algo semelhante ao trabalho de montar um quebra-cabeça (SILVA, 1994; ROWLAND, 1997).

Poderiam ser dados vários exemplos de textos etnográficos aos quais é possível se ter acesso no Brasil. Dentre eles, vale destacar alguns que, pelo fato de estarem publicados na forma de livro e assim oferecerem grande densidade empírica, teórica e metodológica, têm sido utilizados como referências de muitos trabalhos no campo acadêmico da Educação Física brasileira.

Um deles é o trabalho de José Guilherme Cantor Magnani “*Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*” (1984), uma pioneira investigação antropológica sobre o lazer em espaços urbanos. No estudo, mesmo que o foco principal tenham sido os significados que a população de uma periferia urbana atribua às suas idas ao circo, o autor acabou por descrever toda uma rede de lazer daquela comunidade, que envolvia desde o futebol de várzea até as suas excursões, passando, inclusive, pelas conversas de bar. Foi Magnani quem, a partir de uma noção *nativa*, cunhou a categoria *pedaco*, sistematicamente utilizada em estudos que tratam do lazer nas cidades.

Mais recentemente – e com grande impacto no contexto dos estudos que tratam de corpo e esporte –, destaca-se o livro de Loïc Wacquant, *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe* (2002). Descrevendo, com riqueza de detalhes, a vida de uma academia de boxe (o *gym*) de Chicago, o autor apresenta subsídios relevantes para os leitores da área específica da Educação Física, chamando a

atenção os tópicos de *uma pedagogia implícita e coletiva* e do esforço do boxeador para *administrar seu capital-corpo*. O fato de Wacquant ser francês, estudar o boxe num bairro de comunidade negra americana e, ainda, ter se submetido a três anos de prática desse esporte é um aspecto muito enriquecedor do ponto de vista metodológico.

Também recentemente, Marco Paulo Stigger (2002) publicou o livro *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*, um trabalho que se insere em discussões brasileiras relativas ao esporte e ao lazer. Mobilizado pelo interesse em entender em que medida o esporte, quando praticado no lazer, é orientado pelas lógicas dominantes do esporte de rendimento, o autor buscou respostas por meio de uma investigação etnográfica que o levou a praticar futebol e voleibol por vinte e dois meses com três grupos de praticantes da cidade do Porto, em Portugal. Após mostrar a diversidade de significados atribuídos ao esporte no lazer, interessado em dialogar com os debates da Educação Física brasileira, perguntou: “Se é possível a transformação do esporte no âmbito do lazer, por que não seria possível fazer o mesmo no contexto educacional da escola?” (STIGGER, 2009).

Entre outros, esses são trabalhos que trazem elementos teóricos e experiências práticas para a compreensão de como podem ser desenvolvidos estudos etnográficos em esportes e lazer. Foi com base nessa linha de investigação que Raquel da Silveira (2008) desenvolveu a dissertação de mestrado intitulada *Esporte, homossexualidade e amizade: um estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino*. Nesse trabalho, orientado pelo objetivo de compreender como e por que mulheres se associam para praticar um esporte socialmente considerado masculino, a autora buscou respostas para perguntas como: “Quais as estratégias e formas de funcionamento adotadas pelo grupo?”; “Que significados atribuem ao futebol que praticam?”; “Como a prática do futebol se insere nas suas vidas?”.

A busca de respostas para esses questionamentos conduziu a autora a uma investigação etnográfica que se desenvolveu durante doze meses de trabalho de campo, no qual foram utilizadas diferentes fontes de dados. Considerando-se necessário aprender a conviver

esportivamente com o grupo investigado (STIGGER, 2007), foram realizadas cinquenta e uma idas a campo, principalmente nos seus encontros semanais, que eram aos sábados e aos domingos, com duração aproximada de três horas. Além desses encontros, que eram coletivos, foram vivenciados outros momentos do cotidiano das integrantes do grupo, alguns individuais e outros com parte do grande grupo. Isto ocorreu na realização das entrevistas, em festas de aniversário, em almoços e jantares e em outros momentos aleatórios.

Também foram realizadas dezessete entrevistas com participantes da equipe. Por se entender que as entrevistas deveriam obedecer ao “princípio de diversificação das pessoas” (RUQUOY, 1997, p. 103), elas foram realizadas dois meses após o término da observação participante, estratégia que possibilitou escolher os informantes considerados mais adequados ao interesse do estudo, permitindo abranger diferentes aspectos da realidade observada. As entrevistas foram transcritas e devolvidas às pessoas entrevistadas, e após este processo de validação, cada informante autorizou o uso do material obtido, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Outra fonte de informações foi a Internet. Com autorização do grupo, foi obtido acesso a cerca de cento e cinquenta mensagens que circulavam entre as jogadoras, e também às conversas travadas pela comunidade criadas pelo grupo e veiculadas no Orkut.

O resultado desse esforço materializou-se em capítulos, obtidos a partir das perguntas formuladas e das categorias de análise para as quais o universo nativo se direcionou. Diz-se desse modo porque, mesmo que o etnógrafo entre em campo com algumas perguntas, hipóteses e teorias, é o universo empírico que vai conduzir uma investigação para saber quais as lógicas<sup>3</sup> que sustentam a sua forma de funcionamento. Conforme afirma Fonseca (1999, p. 60), “muitas vezes o ‘problema’ enfocado sofre uma transformação radical em função de preocupações que só vêm à tona através da pesquisa de campo”. No caso da pesquisa de Silveira (2008), ao observar as participantes em interação (VELHO, 2001) a partir de categorias nativas e categorias da

academia, três capítulos foram desenvolvidos: o *esporte*, a *homossexualidade* e a *amizade*.

Em diálogo com autores da Sociologia do Lazer e da Sociologia do Esporte, a autora percebeu que o esporte praticado pelas mulheres investigadas apresentava características e significados que muitas vezes eram vistos como opostos, mas no contexto estudado se tornaram complementares: a brincadeira e a seriedade; o lazer e o trabalho; a utilidade lúdica e a utilidade pública; o valor de uso e o valor de troca. Em relação à categoria *homossexualidade*, foram identificados três aspectos importantes, vinculados ao fato de que, na forma como viviam a sexualidade, muitas das jogadoras rompiam com a “matriz heterossexual [que] delimita os padrões a serem seguidos” (LOURO, 2004, p. 17): o gerenciamento da visibilidade da orientação homossexual por parte das pesquisadas dentro e fora do universo do *futsal*; um tipo de feminilidade aceita, sendo objeto de distinção entre a equipe investigada e outras equipes com as quais jogavam; e a identificação do *futsal* como um espaço de lazer para as mulheres homossexuais em questão. Na discussão da categoria *amizade*, a análise mostrou aproximações e distanciamentos das informações obtidas com estudos do campo da filosofia com foco nesse tema. Foi possível verificar que as relações de amizade, no time estudado, eram duradouras e, em certa medida, relacionavam-se a relações sociais que envolvem alteridade, semelhanças, trocas e reciprocidades (ORTEGA, 2002).

A investigação apresentada como exemplo busca dar materialidade aos pressupostos metodológicos e à pesquisa de campo de um trabalho etnográfico realizado no contexto do esporte e do lazer. Na maioria das vezes, o processo que está referido acima é fruto de inúmeras reflexões, realizadas em vários momentos, acerca de temas relacionados com os questionamentos da investigação, assim como é resultado da experiência de campo desenvolvida pelo investigador. De forma semelhante ao que já foi referido sobre o modelo artesanal de ciência (BECKER, 1997), a síntese apresentada é o resultado de idas e vindas de um processo que é construído antes e durante a investigação, mas que, ao final de cada trabalho, costuma ser

oferecido ao leitor de forma organizada, visando à sua compreensão.

Outro direcionamento conferido à pesquisa etnográfica no âmbito específico do PPGCMH recaí sobre a formação de professores de Educação Física e sua prática pedagógica nas escolas de ensino fundamental. Este enfoque é observado desde o ano de 1997 e justifica-se pelo entendimento de que os professores de Educação Física produzem conhecimento em sua prática pedagógica nas escolas e de que esse conhecimento necessita ser incorporado aos projetos e programas de formação inicial e permanente dos docentes. Desse modo empreendeu-se uma série de pesquisas etnográficas, cujo objetivo foi entender o que fazem os professores nas escolas e os efeitos de sua formação no desenvolvimento da Educação Física escolar.<sup>4</sup>

Dentro dessa perspectiva, foram realizadas várias *etnografias educativas*, como, por exemplo, o trabalho de Günther (2000) e Scherer (2000). Com o transcorrer do tempo, para conhecer o universo escolar em profundidade, foram desenvolvidos *estudos de caso e histórias de vida*, como, por exemplo, os de Araujo e Molina Neto (2008) e Wittizorecki (2009). Além disso, novas abordagens metodológicas foram utilizadas para analisar a Educação Física escolar, por exemplo, *os grupos de discussão* no trabalho de Santos (2007) e *a autoetnografia*, concretizada na tese de doutorado de Bossle (2009).<sup>5</sup>

Algumas das características mais marcantes dessas pesquisas foram: o longo tempo de permanência no trabalho de campo (entre 10 e 12 meses), a focalização nas vozes dos professores, o rigoroso trabalho de triangulação de fontes e das informações obtidas no campo e, sobretudo, o trabalho exaustivo de validade interpretativa. Aqui o rigor metodológico foi além da literatura, desenvolvendo um quarto nível de validade, que provisoriamente é chamado de *devolução*, no qual os achados da investigação, isto é, as interpretações das informações realizadas pelo pesquisador, são devolvidos e discutidos com os colaboradores antes que o trabalho seja apresentado e avaliado publicamente. Com isso, as pesquisas ganham relevância social, ficam mais ajustadas ao critério de realidade e contribuem para a

formação dos professores de ensino fundamental. Com essa abordagem foram produzidas, até outubro de 2009, quinze dissertações de mestrado, três teses de doutorado e inúmeros trabalhos de iniciação científica.<sup>6</sup>

A utilização dos estudos etnográficos relacionados à formação de professores e à sua prática pedagógica nas escolas de ensino fundamental possibilitou o acúmulo de sólidas informações sobre formação inicial e permanente dos professores de Educação Física, com seu trabalho na escola e os elementos que contingenciam essa formação e o seu trabalho. Destacamos as questões relativas ao trabalho interdisciplinar, as mudanças socioculturais recentes e os seus efeitos no dia-a-dia da escola. Algo que também vale a pena destacar nesse processo é que os professores têm vontade de falar sobre sua vida profissional, dar sugestões para a melhoria da qualidade da educação e ser ouvidos por outras instâncias do sistema educacional. Percebemos quanto eles têm vontade de dizer sua palavra, de contribuir para a formação dos futuros colegas e de manter a autonomia docente sobre o quê e como ensinar. Para tanto, foi necessário criar as condições ideais de fala para que as diferentes experiências docentes se transformassem em conhecimento prático na formação desse coletivo docente.

Dentre os trabalhos etnográficos clássicos realizados no PPGCMH, citamos a tese de doutorado de Maria Cecília Camargo Günther, intitulada *A prática pedagógica dos professores de educação física e o currículo organizado em ciclos: um estudo na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre* (2006). Nesse estudo foi realizada uma investigação em quatro escolas de Ensino Fundamental da rede, onde a prática pedagógica da Educação Física no currículo foi organizado por ciclos. A discussão teórica enfocou as concepções de currículo e educação identificadas na contemporaneidade, enfatizando as dimensões tempo e espaço como elementos centrais da prática pedagógica do professorado de Educação Física, ênfase esta que pautou o processo de triangulação entre as fontes de informação. O trabalho etnográfico contou com a participação de dezesseis colaboradores. procedentes das escolas investigadas. Nos diálogos com eles mantidos, a autora buscou compreender suas representações sobre

currículo, Educação Física Escolar e suas próprias práticas a partir da implantação do currículo organizado por ciclos. Os instrumentos utilizados para a coleta de informação foram a análise de documentos, a observação participante, o diário de campo e a entrevista semiestruturada.

A interpretação dos dados evidenciou um processo de inquietação que atinge a maioria dos professores, provocando diferentes atitudes na constituição de suas práticas pedagógicas cotidianas. Alguns mostraram sinais evidentes de *mal-estar docente*. O currículo organizado por ciclos exigiu do professorado um processo de adaptação, contudo tal adaptação não pareceu ser o elemento central nas tentativas de inovação empreendidas na sua prática pedagógica na escola. Segundo Günther (2006), novas formas de organização do tempo e do espaço pedagógico demandaram, ao mesmo tempo, exigências e possibilidades pouco exploradas no contexto das escolas investigadas, como, por exemplo, o comprometimento do coletivo docente com um projeto da escola.

A trajetória profissional do colaborador e, principalmente, a diversidade de suas experiências, exerceram um papel importante tanto na constituição de suas práticas quanto nas inovações pedagógicas que propuseram, restando ao seu curso de formação inicial uma influência menor. A participação em programas de iniciação científica durante a graduação foi registrada como uma atividade importante para a formação para a docência, mesmo que o currículo da formação inicial, em seu conjunto de disciplinas, desse pouca ênfase à formação de professores de Educação Física para o ambiente escolar.

Outro exemplo a ser destacado no que se refere ao uso da etnografia na pesquisa educacional é a tese de doutorado de Fabiano Bossle (2008), denominada *O “eu do nós”: o professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*. Essa investigação apresentou uma inovação nas etnografias até então realizadas no PPGCMH, uma vez que foi composta por uma etnografia em uma escola e uma autoetnografia realizada pelo investigador na escola à qual se vinculou como professor do

quadro de trabalhadores, em um trabalho de campo que durou dezessete meses.

O problema de investigação pode ser resumido na seguinte questão: como os professores de Educação Física concebem e constroem o trabalho docente coletivo e quais são as possibilidades e os limites com relação a essa construção em duas Escolas Municipais de Porto Alegre? Para realizar essa investigação, o autor revisou conceitos de globalização e pós-modernidade, ou a contemporaneidade e seus marcadores no cotidiano complexo e dinâmico, para entender a articulação entre o individual e o coletivo na sociedade contemporânea. Além disso, os textos sobre o trabalho, o trabalho docente e o trabalho docente coletivo no âmbito educacional foram fundamentais para a compreensão do tema de pesquisa. O processo de coleta das informações constituiu-se, preliminarmente, de uma análise de documentos. Logo em seguida iniciaram-se as observações, que foram registradas em diário de campo, ao mesmo tempo em que eram realizadas as entrevistas e os questionários eram respondidos pelos colaboradores. O processo analítico constituiu-se de cinco categorias de análise que emergiram do campo: *Histórias de vida e histórias de escola; É difícil, mas dá para fazer; Nós fazemos; Vivendo, sentindo e aprendendo com a violência; Procurando trabalho coletivo, encontrei-me perdido entre gestão e o grupo e entre utopias e furações.*

A investigação permitiu ao autor compreender que há aspectos que facilitam e outros que limitam a construção de trabalho docente coletivo pelos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, entre eles, suas histórias de vida e a configuração do coletivo docente de cada escola.

A descrição sucinta de alguns trabalhos de cunho etnográfico desenvolvidos no PPGCMH chama a atenção para o processo e não apenas para o produto, e coloca em foco que fazer etnografia não é apenas usar ferramentas/técnicas/instrumentos metodológicos. Apesar de neste artigo serem apresentados diferentes instrumentos que fazem parte desse tipo de investigação, é importante considerar que a etnografia não se define apenas por esses métodos, mas se caracteriza por ser um esforço intelectual para realizar uma descrição densa, que, como já foi

referido, vincula-se a alguns saberes especiais, como *saber estar, saber ver, saber ouvir e saber escrever*, e nesse contexto, a experiência de campo constitui-se um importante rito de passagem (DA MATTA, 1993).

#### **A PESQUISA HISTORIOGRÁFICA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA (1987-2008)**

A opção pela perspectiva histórica nos estudos científicos do campo da Educação Física e dos esportes no Brasil tem reunido um número cada vez maior de adeptos, seduzidos pelos desafios que emanam do exercício processual da construção do conhecimento. Mobilizados pelos mais diversos objetivos, contemplados num espectro que transita entre as vicissitudes do pesquisador e o desejo de reconstruir uma memória social cristalizada na força do tempo, tais estudos vêm conquistando seu espaço no cenário acadêmico, sobretudo a partir do fim da década de 1980, conforme demonstra a pesquisa de Melo (1999).

Se ainda distante de um reconhecimento legítimo de sua significância nos currículos de formação docente, a crescente produção de dissertações e teses que privilegiam temáticas relacionadas aos aspectos históricos das diversas práticas corporais e esportivas no interior dos programas de pós-graduação no referido campo tem demonstrado que já estivemos mais afastados desse ideal. Vale lembrar duas dissertações de mestrado que estão entre as contribuições pioneiras para o campo da Educação Física. A dissertação de mestrado concluída pelo professor Mario Ribeiro Cantarino Filho em 1982, intitulada *A educação física no estado novo: história e doutrina*, no Pós-Graduação em Educação da UNB; e a dissertação elaborada pelo professor Paulo Gilberto de Oliveira intitulada *A imigração alemã e a introdução do punhol no Rio Grande do Sul*, defendida em 1987 no curso de mestrado em Ciência do Movimento Humano do CEFD da UFSM. Esta foi a primeira pesquisa em história do esporte e a única durante alguns anos, nesse que foi o segundo curso de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física no Brasil. Assim, por um lado, a variável

quantitativa que atravessa tal produção é capaz de falar de si, apontando-nos o crescimento numérico de pesquisas na referida área; de outro, a variável qualitativa é capaz de falar por de si, indicando-nos um movimento crescente mais amplo que ocorre no âmbito da produção do conhecimento em Educação Física e que diz respeito à circulação e à edificação de uma área científica e suas ideias.

Nesse caminho, o cenário acadêmico brasileiro tem se mostrado frutuoso e diversificado no que tange às escolhas temáticas, teóricas e metodológicas das pesquisas em História da Educação Física e do Esporte, sinalizando, no âmbito da História Cultural, uma considerável vantagem neste rol de escolhas. Tal abordagem, por sua vez, ocupa-se em olhar o esporte como prática que muito tem a dizer sobre os valores e significados do contexto cultural que, inscrito na singularidade de um tempo, *cria e recria-o* de modo particular. Importa com isso destacarmos que esta tendência não é privilégio das pesquisas históricas em Educação Física, mas sim, conforme destaca Burke (2005), é parte integrante de um movimento mais amplo, que aponta a História Cultural como a forma dominante de história praticada hoje.

Assim, em sua empreitada, a História permite-nos ir a lugares distantes, dialogar com pessoas que nunca conheceremos, ressignificar, rerepresentar. Por mais perto que consigamos chegar do passado que queremos conhecer, estaremos sempre muito distantes para apreendê-lo em nosso tempo, ou seja, em todos os momentos da análise não conseguiremos retirar nossos pés do chão que hoje pisamos. Ao olharmos para trás, é forçoso que tenhamos a clareza de estar avistando não o passado em si tal qual ocorreu (desde que este esforço de definição não nos traia conceitualmente), mas *apropriações*<sup>7</sup> que dele fazemos, na distância do hoje. No entanto, esta *proximidade distante* da realidade que queremos contemplar é, em nosso entendimento, tão valorosa quanto seria se pudéssemos, de fato, presenciá-la, pois o estudo do passado em cada novo momento justifica-se em sua importância na medida em que é para nós um instrumento de entendimento e ressignificação de nosso presente.

No hoje, compreendemos que tornar-se é mais importante do que o ser, um movimento mais importante que a certeza e o acaso, um acontecimento imprescindível no movimento da vida. Em outras palavras, o passado é *inventado* a cada novo presente como uma tradição popular que se reconfigura para permanecer lembrada. Nesse caminho, o que se faz presente, lembrado, *reinventado*, é aquilo que de fato o passado veio a se tornar. Assim, da gama de possibilidades científicas que emerge de uma aproximação com o tempo passado, é neste momento primoroso de sua compreensão que ele pode conosco contribuir.

Conforme teremos oportunidade de demonstrar, o movimento das pesquisas históricas no campo da Educação Física e dos Esportes, no Brasil, parece ter seu início nos anos finais da década de 1980, momento em que tais estudos passaram a ser produzidos no interior dos programas de pós-graduação da área. Nesse sentido, antes mesmo de nos demormos sobre uma análise de tais produções, é-nos indispensável a lembrança de alguns nomes ilustres que, adotando a perspectiva histórica como ponto fulcral de suas ideias, tiveram suas obras apropriadas como verdadeiros clássicos pelos pesquisadores que atualmente optam por esse espectro de investigação.

Começamos com Fernando de Azevedo, em 1915, e sua obra *Da Educação Física*. Diferentemente dos intelectuais das áreas humanas de sua época, o jovem educador vê na Educação Física uma inspiração imensa e apaixonada para seus estudos. Atendendo às aspirações de nacionalização e modernização almejadas para a população brasileira, a Educação Física recebe destaque no cenário educacional, justificado pelas luzes de suas funções (trans)formadoras diante da juventude.

Com a ambição de ligar o passado e o presente ao futuro, ou seja, *o que a Educação Física é ao que tem sido e ao que deveria ser*<sup>8</sup>, o autor vai apoiar-se em raízes remotas da antiguidade clássica, especialmente da Grécia, para respaldar sua moderna idealização de Educação Física. É-nos evidente sua clareza de que era corrido um novo tempo: “não saberíamos nem nos interessaria fabricar-nos uma alma antiga” (AZEVEDO, 1960, p. 10), no

entanto enfatiza em muitos momentos que a “beleza e a eficácia dos exercícios naturais” que tanto defendia eram inspiradas na “maravilhosa associação da poesia, da música e plástica” (AZEVEDO, 1960, p. 10) advindas da cultura grega. Nesse movimento, o autor voltava-se primeiramente ao passado para vislumbrar as possíveis mudanças do presente e do futuro organizacional da Educação Física brasileira.

Inezil Penna Marinho constitui outro pilar que sustenta a edificação do campo histórico e historiográfico da Educação Física brasileira, contrariamente à obra de Fernando de Azevedo, que pouco ou nenhum espaço reconhecido recebeu nas faculdades e universidades. A presença significativa do legado pedagógico de Inezil Marinho nas bibliotecas dos cursos de formação de professores fez-se sentir e merece ser destacada. Professores de todo o Brasil foram formados, durante muitos anos, tendo na obra de Inezil o único eixo de ligação ao seu passado profissional. Narrador *da* História, a qual conceituava como “a ciência dos principais sucessos que constituem a vida política, econômica, intelectual e moral dum povo, dum época ou de toda a humanidade” (MARINHO, 1952, p. 16), o autor viu sua obra ser acriticamente irradiada e reproduzida por gerações e gerações de novos professores que eram formados a cada ano nas escolas superiores de Educação Física do país. Instalou-se, pois, a partir dos mesmos receios, aspirações, crenças - enfim, dos mesmos *sucessos* - uma narrativa unilateral acerca da história da Educação Física brasileira.

Entre outros escritos do autor encontramos *História Geral da Educação Física*, que teve sua segunda edição em 1980. Nela, primeiramente é realizada uma defesa ardorosa da história da Educação Física e, em seguida, um passeio pelos domínios de tal disciplina em cenário mundial, retratando as práticas desenvolvidas desde a pré-história até a modernidade. Na obra *História da Educação Física no Brasil*, publicada no ano de 1980, o autor optou por abordar as atividades físicas fazendo um recuo ao tempo do Brasil Colônia, passando pelas práticas indígenas e dos primeiros colonizadores e chegando até a República, com o desenvolvimento das práticas esportivas. Ainda temos as obras intituladas *História da Educação Física e dos Desportos no*

*Brasil*, publicada em 1952, e *Contribuição para a história da Educação Física no Brasil: Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República*, de 1943.

Essa forma de fazer História, então dominante no campo da Educação Física e dos esportes no Brasil, encontraria fortes reações por parte das novas abordagens historiográficas que a sucederam, sobretudo aquelas encampadas por autores da década de 1980. Numa visão que se pretende evolucionista, a *velha* história da Educação Física foi duramente acusada de privilegiar a mera descrição dos acontecimentos e datas, na longa duração, ignorando uma análise mais aguçada de seus aspectos particulares de tempo e espaço. Soma-se a isto a indefinição e indiferenciação de um conceito claro para a Educação Física como objeto de estudo e, sobretudo, o apoio de suas reflexões em padrões corporais e culturais de movimento que remetiam as práticas atuais às cristalizações de representações gregas e romanas.

A principal censura, porém, que procurava romper com tal tradição historiográfica apoiava-se na ideia de que esta era uma forma acrítica de se pensar e se fazer história, em cuja estrutura pouco ou nenhum lugar era reservado ao sujeito como autor de sua trajetória e feitos. Descolado de um universo de práticas corporais e estranho a seus significados, o homem moderno, ao desconhecer-se diante de tal universo, por muitos anos acabara reproduzindo e perpetuando como que *de fora* um fazer historiográfico repleto de ausências, lacunas, desencontros e, principalmente, não mais suficiente para a compreensão dos determinantes sociais que marcavam o momento vivido pelo campo.

Se, por um lado, tais críticas não são absurdas, carregando em si valores que devem ser considerados, por outro, importa compreender o contexto geral em que foram produzidas foram produzidas essas narrativas acerca da obra de Marinho. O autor reforça a importância de lembrar o fato de que as características criticadas impregnavam a produção historiográfica em geral no Brasil e também em grande parte do mundo, sendo forçoso reconhecer que a obra de Marinho estava em perfeita consonância com as peculiaridades do momento de sua produção. No entanto, tais considerações não impediram que, a

partir da década de 1980, um movimento contrário à linearidade deste fazer historiográfico fosse posto em marcha, em cenário nacional. Em consulta ao Banco de Dissertações e Teses da CAPES,<sup>9</sup> foi possível identificar duas dissertações defendidas nessa década, ambas envolvendo a imbricação entre o esporte, a educação e as questões sociais.

A partir desse período, parecem surgir, no cenário brasileiro, novas perspectivas de análise para os estudos da História da Educação Física e dos Esportes. Um olhar crítico sugere imperar no campo a busca pela ruptura com as amarras que o aprisionavam às verdades prontas, estabelecidas e reproduzidas. Iniciava-se a construção de outras possíveis histórias, intimamente ligadas e impulsionadas pela retomada da politização e da liberdade de pensamento, advindas do término do período ditatorial (1964-1985).

Se o marxismo e as teorias educacionais sobre reprodução social e cultural (BOURDIEU; PASSERON, 1992) eram as perspectivas teóricas dominantes neste cenário, noções políticas como as de ideologia, poder e luta de classes sustentavam as bases das referências que impulsionavam a construção dos estudos. A ideia recorrente de que havia interesses implícitos aos discursos apresentados, fazendo com que os textos funcionassem como verdadeiros esconderijos, projetava o pesquisador em história da Educação Física a uma posição de fictícia neutralidade e autoridade diante dos fatos. Neste sentido, desvelar os interesses ocultos na aparente ingenuidade dos acontecimentos históricos que tangenciavam o campo da Educação Física e dos esportes parece ter sido o objetivo maior que mobilizava os pesquisadores da área.

Segundo esta corrente, a Educação Física representava uma importante arma ideológica de educação de corpos e mentes, ocupando-se em transmitir e legitimar, de forma velada, nos espaços educativos, sobretudo na escola, os interesses e objetivos sociais das classes dominantes. Nesse sentido, por sua ingenuidade, imparcialidade e distanciamento da realidade social e, especialmente, histórica dos fatos, a *antiga* forma de se fazer história da Educação Física era compreendida como um forte agravante nesse quadro de reprodução das

desigualdades. Emergia, portanto, o que se pode chamar de um movimento por uma Educação Física crítica, que rapidamente se irradiava por suas subáreas do currículo, da prática pedagógica e, inclusive, da história e historiografia.

A década de 1990 emerge como um momento transitório em que as pesquisas em história do esporte e da Educação Física no Brasil se dividem, em linhas gerais, em duas grandes vertentes: de um lado, aquela que propunha continuidade ao movimento por uma Educação Física crítica, iniciada na década anterior; de outro, aquela que dava indicativos de uma superação epistemológica da primeira. Conforme pesquisa no Banco de Dissertações e Teses da Capes, identificamos trinta e três produções, grande parte delas concentrada a partir de 1995. Entre as temáticas investigadas figuram: política educacional; mídia; identidades culturais; lazer; legislação esportiva; educação física escolar; esportes; associação esportiva; produção de conhecimento; religião; mulheres; currículo; estudos olímpicos; dança; personalidades e instituição.

Ainda sensível aos impactos da política educacional autoritária que atravessara o país por quase 20 anos, a década de 1990 inicia a produção de pesquisas historiográficas no campo a partir de temáticas que, justamente, privilegiavam o estudo deste conturbado universo educativo. A vertente crítica que se instalara no campo pretendia salvaguardar do esquecimento as mazelas de um período de poder verticalizado no qual a Educação Física era compreendida como importante instrumento ideológico de educação, de despolitização e, sobretudo, de ocupação do tempo livre de crianças e estudantes universitários. Nesse passo, a mídia e seus impactos educacionais na população aparecem também como objetos de estudo desse momento, ao mesmo tempo em que há uma profusão de pesquisas cujos temas estão relacionados à história da Educação Física e dos esportes no contexto escolar. Neste espectro, o currículo é timidamente contemplado ao privilegiar as mudanças ocorridas no campo da formação de professores de Educação Física, ao passo que também os esportes, suas trajetórias históricas, políticas e sociais sinalizam um crescente interesse dos pesquisadores.

Ao mesmo tempo, a década de 1990 abre caminho à emergência de novos e distintos objetos de pesquisa histórica, até então silenciados ou pouco privilegiados no âmbito acadêmico. É também nessa década que a presença das mulheres, relacionada à prática esportiva, surge pela primeira vez como alvo privilegiado de interesse nas pesquisas históricas, dando vazão a uma imensa proliferação de temas. Na mesma medida, é possível apontarmos o início dos estudos acadêmicos referentes às instituições formadoras de professores de Educação Física no Brasil e, nesse mesmo movimento, o início também de estudos dessa natureza que se ocuparam com as trajetórias de vida de personalidades do campo.

A década seguinte, 2000, marca a ampliação quantitativa de tais estudos: ao mesmo tempo em que há um aumento significativo no número de pesquisas que privilegiam a perspectiva histórica de análise, há também uma forte acentuação no que tange à pluralidade de temas. Nesse sentido, é forçoso reconhecer o fato de que, mesmo com pouca expressão no cenário científico e acadêmico, quando comparadas às áreas biológicas, as pesquisas em história da Educação Física e dos esportes já podem ser consideradas em sua amplitude. Além dos temas já investigados na década anterior, identificamos outros, tais como: capoeira, educação física, gênero, políticas públicas, cultura corporal, ginástica, políticas educacionais, formação de professores, ditadura militar, turismo, evento esportivo, esportes indígenas, jogos escolares, memória e torcidas de futebol, totalizando 143 produções.

O esporte, numa perspectiva histórica, desponta neste cenário como a principal lente de análise das relações estabelecidas em sociedade. Portador de significados próprios e, ao mesmo tempo, inundado por uma dimensão pedagógica e potencializadora de questionamentos, o esporte é visto como elemento cultural que possibilita a compreensão das estruturas sociais, por trazer em si marcas e reflexos do contexto que o cria e sustenta.

O espaço conquistado pela mídia, outro tema recorrente desse momento, parece representar a busca pela compreensão da construção de paradigmas sociais inscritos nos corpos. Importa destacarmos que, nesse âmbito,

tanto está presente o desvelar de tais paradigmas, revelando suas obscuridades, esconderijos e interesses, quanto, sobretudo, a superação destes a partir da construção/desconstrução de outros. Nesse sentido, também conquistam visibilidade os estudos de gênero, ampliando e, em certa medida, substituindo as pesquisas que outrora se destinavam a estudar apenas o universo esportivo feminino.

Se o gênero, conforme demonstra Silva (2007, p. 21), emergindo como categoria que desvela a construção histórica das relações de poder entre homens e mulheres, procura justamente transcender a dualidade de gênero que engessa os comportamentos humanos em masculinos ou femininos e, no mesmo passo, contemplar a pluralidade de definições de masculinidades e feminilidades, tais estudos esforçam-se para que venha à tona o entendimento de que o real significado de ser homem ou ser mulher varia no tempo, no espaço e na cultura em que tal sabedoria se insere. Louro (2000) relembra que a introdução do conceito de gênero permitiu desmistificar a ideia de mulher e homem universais e transhistóricos.

Ainda despontam de forma mais contundente, nesse cenário, os estudos que privilegiam a utilização das memórias, ou seja, baseados nas dimensões teóricas e metodológicas da história oral. Segundo Verena Alberti (1989, p. 1), este método de pesquisa “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. A documentação produzida pelos pesquisadores por meio de entrevistas é cruzada com outras fontes históricas na construção dos estudos que focalizam memórias de instituições, clubes esportivos, entre outras pesquisas.

Vale registrar, ainda, o fato de que a expansão da pós-graduação na área da Educação Física em universidades brasileiras a partir da década de 1990 contribuiu decisivamente para o fomento de pesquisas relacionadas aos estudos históricos. Percebe-se, a partir deste movimento, uma atitude mais cuidadosa dos pesquisadores com relação ao campo da produção historiográfica no que tange aos pressupostos teóricos eleitos, à produção discursiva e à

construção de novas narrativas através das fontes.

Nesse caminho, ao tangenciar a temática das fontes históricas, sua construção e disponibilização ao universo das pesquisas históricas em Educação Física, julgamos oportuno trazer à tona a lembrança da dissertação de mestrado de Luis Henrique Rolim (2008), *Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria*, prática cultural que marcou o início das comemorações da *Semana da Pátria* na cidade de Porto Alegre nos anos finais da década de 1930, sendo objeto central de análises históricas. Importa destacarmos que o estudo em questão se aproximou, sobremaneira, das dimensões teórico-metodológicas da História Cultural, privilegiando um fazer historiográfico baseado na ideia da rerepresentação do passado a cada novo presente e, ao mesmo tempo, emcampano conceitos como o de *tradição inventada* (HOBSBAWM; RANGER, 1984).

Diante do objeto central anunciado, as inquietações científicas que mobilizaram e seduziram o autor giravam em torno da importância desta prática cultural na construção de uma identidade nacional brasileira no imaginário porto-alegrense entre os anos de 1938 e 1947. Assim, na tentativa de responder a tais inquietações, fontes impressas e orais foram produzidas a partir do referido estudo.

As citadas fontes, por sua vez, produzidas intencionalmente<sup>10</sup> pelos pesquisadores envolvidos com o estudo, retornaram à historiografia da Educação Física brasileira na estrutura de um banco de dados repleto de informações históricas acerca do tema. Se, num primeiro momento, tal banco de dados, construído no seio das necessidades e anseios do referido estudo, possibilitou o alcance das respostas às questões de pesquisa elaboradas, em seguida, ao se propor irradiar-se pelo campo, transforma-se em instrumento potencializador, norteador, ou mesmo em elemento a ser questionado, construído e reconstruído por novas pesquisas.

#### ANÁLISES DO DISCURSO NA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

“A análise do discurso é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a

produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens” (GREGOLIN, 2007, p. 11). Apesar de originalmente vinculada às ciências da linguagem, a Análise do Discurso (AD) recebeu contribuições de disciplinas como Sociologia, Filosofia, História e Psicologia (IÑIGUEZ, 2004) e tem sido utilizada em áreas como Biblioteconomia, Educação, Enfermagem e Educação Física, entre outras. É um campo pluridisciplinar baseado fundamentalmente na interpretação, que “tira grande proveito da confrontação de investigações que se baseiam em universos teóricos diversos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 14).

Dada a grande diversidade de áreas e enfoques que se valem da AD, há um número considerável de trabalhos de investigação que a invocam como ponto de confluência metodológica, mas com entendimentos bastante divergentes sobre o movimento analítico. Tal como afirma Gregolin (2006), esta pulverização da AD levou a uma “circulação desenfreada de conceitos cuja origem perdeu-se nas brumas da replicação” (p. 191), gerando uma sensação de falta de identidade e de fragilidade conceitual. Para se localizar nesta *paisagem acidentada* (MAZIÈRE, 2007, p. 8) e ter uma noção do *modus operandi* neste terreno íngreme, é preciso “interrogar o solo epistemológico e político no qual os conceitos se delinearão, se digladiaram e constituíram um corpo teórico-metodológico que sustenta, hoje, as formulações de nossos trabalhos” (GREGOLIN, 2006, p. 11).

De acordo com Orlandi (2003), uma grande linha divisória demarca, muito mais pelo contexto *geopolítico* inaugural do que por uma localização meramente geográfica, duas grandes correntes no campo da AD: a americana (mais especificamente, a norte-americana ou anglo-saxônica) e europeia (mais especificamente, a francesa). A americana reúne uma gama de diferentes tendências que pendem para o lado da *pragmática*, que “se caracteriza pelo estudo da linguagem em uso, ou, segundo a definição de Charles Morris (1938), o primeiro a usar esse termo contemporaneamente, o estudo da ‘relação dos signos com seus intérpretes’” (MARCONDES, 2000, p. 39). Já a europeia (francesa) tende a focar, predominantemente, a

materialidade da língua, a documentação textual de diversos suportes, com o objetivo de perscrutar os efeitos semânticos imersos na relação língua/sujeito/história.

Em alguns textos, estas duas ramificações ganham o *status* de grandes *escolas* do pensamento em AD; contudo, como contrapõe Orlandi (2003, p. 2),

[...] não podemos deixar de considerar que ao falar em “Escola” de análise de discurso francesa, americana etc., se está atribuindo poder de palavra e de saber desigualmente distribuídos. Isto é, se privilegiariam certos lugares e depois se falaria de “recepção”, de “influência” etc. nos outros. E, como dissemos mais acima, não é assim que acontece. A ciência se produz em diferentes lugares com a força e a especificidade de sua tradição.

A primeira menção ao termo *Análise do Discurso* foi feita por Zellig Harris, linguista radicado nos EUA (FARACO, 2003), no artigo intitulado *Discourse Analysis: A Sample Test*, publicado na revista *Language* em 1952. Tratava-se mais de um alargamento analítico dentro de uma tradição investigativa em linguística do que da configuração de um novo campo. A AD consolida-se institucionalmente entre os anos de 1967 e 1970, quando Jean Dubois a introduz na Universidade de Paris X - Nanterre (MAZIÈRE, 2007). Mesmo sem ter sido o primeiro a mencioná-la ou a institucionalizá-la em território francês, atribui-se a Michel Pêcheux o movimento de fundação da vertente francesa da AD (ORLANDI, 2003; IÑIGUEZ, 2004; GREGOLIN, 2006; MAZIÈRE, 2007). Tal distinção é atribuída a ele em função do livro *Análise Automática do Discurso*, publicado em 1969. Mas outro Michel também gerou impacto e causou tensões na produção de pesquisas em AD francesa: Foucault. É em *Arqueologia do Saber*, livro também publicado em 1969, que Foucault esmiúça o método empregado por ele em suas pesquisas anteriormente realizadas e explicita as diferenças em relação à AD de Pêcheux. Apesar de não haver uma unidade teórica interna entre seus trabalhos, Pêcheux e Foucault funcionam como centro gravitacional da AD francesa (GREGOLIN, 2006).

Os projetos investigativos destes dois intelectuais franceses diferiam muito um do outro, mas, para Gregolin (2006), não eram totalmente incompatíveis. Ambos se envolveram com o *estruturalismo* e o influenciaram de modo mais ou menos intenso. O estruturalismo, movimento teórico do final dos anos 50, foi inspirado nas formulações de Ferdinand Saussure acerca da língua, compreendida “como um sistema sincrônico cujas unidades, os signos, formados pelo conjunto significado/significante, só ‘significam’ por meio da diferença que estabelecem entre si” (SILVA, 2000, p. 54). O movimento foi marcado pela *virada linguística*, que pode ser entendida como a “transformação das ideias desenvolvidas no interior da Linguística em modelo para outros campos das ciências humanas” (GREGOLIN, 2006, p. 21). Uma das figuras exponenciais deste acontecimento epistemológico é Claude Lévi-Strauss, que foi o responsável pela transposição do modelo linguístico de Saussure para o campo da Antropologia (GREGOLIN, 2006).

O trabalho de Pêcheux tratou de colocar as balizas teórico-metodológicas da AD, estabelecendo ligações entre língua, sujeito e história a partir de um diálogo permanentemente tenso com Saussure, Marx e Freud. A busca por uma *análise automática do discurso* estava centrada na releitura e articulação destes três clássicos e “visava à construção de uma teoria materialista do discurso, aliada a um projeto político de intervenção na luta de classes, a partir da leitura althusseriana do marxismo-leninismo” (GREGOLIN, 2006, p. 53). Neste movimento analítico, o conceito de ideologia vai ser tomando a principal chave interpretativa para o desenvolvimento do trabalho do analista do discurso e o principal ponto de divergência com as formulações de Michel Foucault.

Diferentemente de Pêcheux, Foucault não tinha preocupações explícitas com a estruturação de uma teoria do discurso, mesmo em sua fase arqueológica (*História da loucura na idade clássica, O Nascimento da Clínica e As palavras e as coisas*), quando se dedicou a investigar as relações de poder-saber na história do Ocidente que permitiram a emergência das ciências humanas (GREGOLIN, 2006). Neste momento, preocupava-se muito mais em montar sua *caixa de ferramentas* analíticas para dar conta “de

relações históricas, de práticas muito concretas, que estão vivas nos discursos” (FISCHER, 2001, p. 198-9) do que da construção das bases epistemológicas para o campo específico da AD. De acordo com Gregolin (2006), Foucault mantém um diálogo permanentemente tenso com a tríade Nietzsche, Marx e Freud, “o que já indica a relação muito mais forte de Pêcheux com a Linguística e de Foucault com as problemáticas da História e da Filosofia” (GREGOLIN, 2006, p. 53).

Já no final da existência destes dois intelectuais franceses, início da década de 1980, Pêcheux, desiludido com os rumos da esquerda, a crise do marxismo e do estruturalismo e a morte de Althusser (GREGOLIN, 2006), revisita a obra de Foucault e acaba de certo modo *afinando o discurso*, mas sem estreitamento de laços. A morte de Pêcheux em 1983 e de Foucault em 1984 fez com que alguns autores decretassem, em tom irônico, o fim da Análise do Discurso francesa, “que se desfaz por dissolução em 1983, depois pelo esgotamento da experiência de colaboração pluridisciplinar entre linguistas e historiadores” (MAZIÈRE, 2007, p. 30). Mazière, que é uma linguista francesa, quando atesta a *morte* da AD francesa, está se referindo ao fim de uma noção generalista e *colonizadora* de análise do discurso, e não ao de seus pressupostos teóricos, os quais fizeram germinar uma série de novas composições em diversos países do mundo. A AD, portanto, segue seu curso, e cada vez mais plural. Não obstante, como salienta Gregolin (2006, p. 192), não se deve

pensar que “tudo o que tome o discurso como objeto” seja uma mesma “análise de discurso”. É necessário entender as diferenças – teóricas, filosóficas, metodológicas – que distinguem estes diferentes estudos. Por isso, demarcar as especificidades de cada uma dessas “análises de discurso” é uma tarefa urgente que pode, no mínimo, evitar ingenuidades e mal-entendidos.

Demarcar as especificidades da AD no Brasil em uma época de constantes recomposições não é uma tarefa fácil, especialmente para áreas como a Educação Física, que ainda não tem consolidado um *nicho*

investigativo centrado neste tipo de pesquisa. Neste caso, passa a ser importante ter uma noção sobre o que se faz em nome da AD e os modos como vem sendo usada.

Cibele Bossle (2009), em *Personal Trainer & Cia: noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado*, realizou um levantamento no endereço eletrônico do Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LUME)<sup>11</sup> partindo do descritor “*análise do discurso*” diretamente no campo *palavras-chave*. Tal levantamento tinha por objetivo localizar os trabalhos produzidos na UFRGS que se valiam, assim como o dela, da AD e verificar os modos de usá-la. Ela encontrou cento e treze estudos, distribuídos em áreas como Educação, Letras e Biblioteconomia e Comunicação. “Alguns desses estudos fazem referência à escola de tradição francesa de análise do discurso de um modo geral, outros especificamente às teorias de Foucault ou às teorias de Pêcheux” (BOSSLE, 2009, p. 25-6).

Para restringir as buscas ao campo específico da Educação Física no LUME, a autora investiu no mapeamento das dissertações e teses produzidas no PPGCMH. Não localizou nenhum trabalho utilizando o descritor “*análise do discurso*” no campo *palavras-chave*, mas, em *pesquisa geral*, sessenta e dois estudos foram encontrados. Em nenhum deles constava de modo explícito alguma filiação teórica a correntes da AD, predominando “uma interpretação mais *livre* da análise do discurso, pois alguns a empregam como metodologia auxiliar de análise, outros apenas utilizam os seus conceitos na composição do texto” (BOSSLE, 2009, p. 26).

Para ter uma ideia do que se faz em nome da AD em outros programas da área da Educação Física, fizemos um levantamento no endereço eletrônico da base de dados do Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESES)<sup>12</sup>. Digitamos o descritor “*análise do discurso*” diretamente no campo de busca simples e localizamos um total de quarenta e seis estudos. Ao refinarmos a pesquisa, acrescentando o descritor “*educação física*”, foram encontrados vinte e dois. Um deles aparecia duas vezes na listagem, então passamos a contar vinte e um estudos: duas teses de doutorado e dezenove

dissertações de mestrado. Desse total, dezoito estudos foram desenvolvidos na Universidade Gama Filho; um na Universidade Castelo Branco; um na Universidade Estadual de Campinas; e um na Universidade de São Paulo.

A grande maioria, assim como nos trabalhos do PPGCMH, não aponta filiação explícita a uma determinada corrente de estudos em AD, valendo-se tanto de autores alinhados à vertente pragmática (ou ao *pragmatismo*<sup>13</sup>) quanto de autores como Pêcheux, Foucault e outros influenciados pelas proposições de ambos, em articulação com autores de outras perspectivas metodológicas. Entre os poucos trabalhos acadêmicos no campo da Educação Física que se autodenominam AD, o hibridismo teórico-metodológico é marcante tanto no desenho investigativo quanto nos modos de usar, não havendo (e de fato não deve haver) protocolos ou procedimento padrão a serem seguidos.

Diante de tantas formulações e possibilidades de investigação em AD, não é difícil cair em generalizações e perder de vista o rigor metodológico que se exige de uma investigação *stricto sensu*. Para não se perder, é importante que o analista conheça e exponha as formulações conceituais sobre discurso, bem como as convergências/divergências entre os autores que compõem o marco teórico do trabalho. Em suma, é preciso apontar as *fontes de inspiração* que permitiram tomar uma determinada materialidade discursiva (documentos, livros, mídia, manuais, bulas, manifestos, hipertextos etc.) como *corpus analítico* e dar visibilidade aos discursos que ali circulam.

Para apresentar mais detalhadamente um modo específico de usar a AD no campo da Educação Física, retomamos a dissertação de Cibele Bossle (2009). Valendo-se das formulações de Michel Foucault sobre enunciado, prática discursiva, sujeito do discurso e heterogeneidade discursiva, entre outros conceitos elaborados por aquele intelectual francês, a autora tratou de “analisar a ‘marketização’ do *personal trainer*, mais especificamente os elementos que permitiram a inserção de noções de *marketing* na literatura sobre treinamento personalizado disponível nas bibliotecas dos cursos de formação inicial em educação física” (BOSSLE, 2009, p. 8).

Depois de uma *garimpagem on-line* no acervo das bibliotecas de instituições gaúchas de ensino superior, visando a mapear “o que estava disponível a respeito da temática *personal trainer* em cursos de formação inicial na área de educação física” (BOSSLE, 2009, p. 17), e de uma revisão sobre dissertações, teses e artigos científicos disponíveis em algumas bases de dados, a autora decidiu investir na análise de dezoito livros encontrados no acervo das bibliotecas, os quais haviam lhe chamado a atenção pelo volume de informações relacionadas ao *marketing* dirigido ao *personal trainer*.

O primeiro movimento analítico foi agrupar as obras em três categorias: (1) as que não utilizam linguagem de cunho empresarial e não fazem qualquer referência ao *marketing*; (2) as que utilizam linguagem de cunho empresarial e/ou fazem referência ao *marketing*; (3) aquelas que, além de utilizar linguagem de cunho empresarial, dedicam um ou mais capítulos ao *marketing*/divulgação/propaganda. O segundo foi apresentar as ferramentas conceituais da AD de cunho foucaultiano, enfatizando a noção de discurso como o espaço de articulação de uma rede de relações de poder-saber que delimita e ordena o que pode ser dito em um determinado momento histórico e a noção de sujeito como uma posição a ser ocupada no interior de uma dada formação discursiva.

Para uma AD dentro desta perspectiva, é fundamental analisar as condições de possibilidade que permitiram a emergência de uma determinada ordem discursiva. Por isso, Cibele Bossle interroga a história da Educação Física a partir do movimento ginástico europeu para identificar os diferentes momentos em que determinadas formas de pensar o campo foram alteradas, demarcando as descontinuidades que permitiram o *nascimento* do *personal trainer*. Discute o processo de *marketização* da vida de modo geral e do treinamento personalizado de modo específico, para tentar entender o funcionamento desta *supermicroempresa* no mundo dos negócios da atividade física. Por fim, analisa a expressão *como me vender com sucesso*, encontrada em um dos livros pesquisados, como um enunciado que condensa quatro *nós* da rede discursiva relativa ao *personal trainer*: (1) “marketização” dos

processos da vida, (2) “individualização em excesso”, (3) modelo de autoformação norte-americano e (4) precarização das condições de trabalho. Estes *nós* atam, como conclui a autora, o “marketing na literatura sobre *personal training*” (BOSSLE, 2009, p. 76).

Enveredar pela AD de inspiração foucaultiana não é uma tarefa fácil, pois não há modelos previamente estabelecidos; as análises vazam por todos os lados, e sempre há mais por fazer. Para realizá-las, “precisamos antes de tudo recusar as explicações unívocas, as fáceis interpretações e, igualmente, a busca insistente do sentido último ou do sentido oculto das coisas” (FISCHER, 2001, p. 198). Neste tipo de investigação, não se trata, portanto, de apontar uma causa para tal acontecimento, e sim, de tornar visíveis as práticas descontínuas que contornam os “começos relativos” (GREGOLIN, 2006).

#### A PESQUISA QUALITATIVA COM IMAGENS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

A utilização de imagens na produção acadêmica da Educação Física brasileira está presente desde suas obras iniciais, privilegiando seu caráter ilustrativo. Em que pese à recorrência a registros iconográficos de diferentes naturezas (gravuras, fotografias, pinturas, desenhos, etc.), sua apropriação não se deu diferentemente de outras áreas do conhecimento, inclusive no campo das ciências sociais e humanas. Na História, por exemplo, Uspiano Meneses (2003) indica que o uso da imagem como ilustração se tornou lugar-comum não apenas no passado, mas também em investigações contemporâneas. Para este autor,

Certamente, de início, a ilustração agia com direção fortemente ideológica, mas não é menos considerável seu peso negativo, quando o papel que ela desempenha é o de mera confirmação muda de conhecimento produzido a partir de outras fontes ou, o que é pior, de simples indução estética em reforço ao texto, ambientando afetivamente aquilo que de fato contaria (MENESES, 2003, p. 13).

Data do final do século XIX a aceitação da imagem como fonte de investigação. A História da Arte e, posteriormente, a Antropologia fizeram uso de registros iconográficos para adensar análises e ilustrar sentidos fixados nos textos. No caso da Antropologia essa recorrência mostrou-se fecunda, por exemplo, nos estudos que buscavam classificar os *tipos humanos*, em que a fotografia apresentava um caráter comprobatório, pois exibia a pessoa tal como ela era – diferentemente da pintura, do desenho ou da fotografia desenhada, técnicas de representação da figura humana anteriores à fotografia<sup>14</sup>.

Ainda que o caráter ilustrativo da imagem seja uma forma bastante presente de sua aplicação na pesquisa qualitativa contemporânea, neste artigo estamos abordando a análise de imagens a partir de outra perspectiva: referimo-nos à imagem como *texto*. Essa perspectiva insere-se dentro do que alguns autores denominam de Cultura Visual (JENKS, 1995; MIRZOEFF, 1999; ROSE, 2001), que envolve também as imagens em movimento (vídeos, filmes, etc.) e elementos visuais pertencentes aos ambientes virtuais (imagens virtuais).

Tal perspectiva desponta no final da década de 1980, e a ela se alinham estudos oriundos de diferentes campos disciplinares: Comunicação, Semiótica, Filosofia, Antropologia, Educação, Ciências da Cognição, Sociologia, Psicologia e Psicanálise, entre outros. Converte, também, a percepção “cada vez mais ampliada, inclusive fora dos limites acadêmicos, da importância dominante da dimensão visual na contemporaneidade” (MENESES, 2003, p. 23).

*Cultura Visual*, portanto, é um termo que emerge no contexto do que Mitchell (2002) denominou de *virada pictórica*, termo usado para traduzir a atenção conferida pelos cientistas sociais à influência dos usos dos diferentes registros visuais. Decorre da centralidade que as imagens ocupam nas sociedades contemporâneas, caracterizadas por Nicholas Mirzoeff (2003, p. 17) como *ocularcênicas*, visto que “agora a experiência humana é mais visual e está mais visualizada do que antes”.

Importa mencionar, ainda, que a ampliação e divulgação da análise de artefatos culturais relacionados à Cultura Visual foram fortemente

influenciadas pelo campo acadêmico denominado de Estudos Culturais.<sup>15</sup> Ao ampliar a noção de *cultura* (entendendo-a não como a polarização entre cultura popular e cultura erudita) e de *texto* (imagético, virtual, pictórico, audiovisual etc.), consolidou como possível a análise de artefatos culturais diversos, tais como filmes, publicidade, programas de TV, revistas, zines, *blogs*, *home pages*, jornais, entre outros.

Em termos metodológicos, os Estudos Culturais não indicam uma metodologia de pesquisa como a mais apropriada à análise de artefatos culturais ou de registros imagéticos; ao contrário, indicam a pluralidade de possibilidades de análises, uma espécie de *bricolagem* em que “a escolha das práticas de pesquisa depende das questões que são feitas” (NELSON; TREICHELER; GROSSBERG, 1995, p. 9). Assim, pode-se analisar uma mesma fotografia, pintura ou filme a partir de diferentes metodologias (análise de conteúdo, semiótica, análise de discurso, entre outras). O que, efetivamente, vai definir o melhor instrumento de captação de informação é a questão norteadora que o estudo pretende responder, bem como o aporte teórico que fundamenta a pesquisa. Desse modo, cabe olhar para as imagens como um “texto a ser lido, imaginado, observado, reconstruído no seu significado” (GOELLNER; MELLO, 2001, p. 122), pois, cada vez que debruçamos nosso olhar sobre uma mesma imagem, podemos entendê-la de diferentes modos.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, a imagem é tomada como uma prática social discursiva e linguisticamente construída. As imagens são textos que, além de conter signos, símbolos e significados, criam sentidos, expressam relações de poder, enunciam posições de sujeito. Considerar essa proposição “implica assumir que elas instituem modos específicos de ver o mundo, trazendo inscritas, em suas formas, traços, cores, luzes e sombras, representações políticas, sociais e culturais que falam de uma época e de um dado lugar” (JAEGER, 2009, p. 45).

A imagem, destarte, não é neutra nem inocente. A imagem, que é texto, contém significados, e estes devem ser analisados considerando-se o contexto cultural onde as imagens são produzidas e consumidas. Essa é a

razão pela qual, ao analisarmos uma imagem, não estamos dizendo a verdade sobre ela, mas interpretando-a, e tal interpretação vai depender do nosso *modo de ver*. [Como registra John Berger (1999, p. 23), “nunca examinamos apenas uma única coisa; sempre estamos examinando a relação entre as coisas e nós mesmos”], entre o que nossa biografia pessoal e o contexto social em que vivemos nos permitem ver.

Essa mesma percepção pode ser identificada em Fischman (2004) quando afirma que:

na matriz do visual está inscrito o que esta contém e não pode ser visto. Também as lentes que tornam inteligíveis o visível e o invisível, e a localização espacial e temporal do observável e do observador. Tudo isso constitui a matriz do visual, limitando o que é possível ver ou não ver (p. 114-115)

Vale lembrar que, ao falarmos de Cultura Visual, estamos incorporando também as imagens em movimento (com ou sem som), facilmente veiculadas pelo cinema, televisão e, recentemente, pela rede mundial de computadores. Essas imagens têm se constituído como campo fecundo de análises qualitativas nas ciências sociais, na pesquisa educacional e também na produção acadêmica da Educação Física brasileira, como veremos mais adiante.

Interessa registrar que as narrativas contemporâneas, sobretudo as tecnológicas que lidam com a captação e registro de imagens e sons (TV, cinema, Internet), incorporam no seu processo de produção elementos que acabam por promover uma espécie de “educação cultural da inteligência visual cuja formação estética é, ao mesmo tempo, uma configuração política e cultural e uma forma complexa do viver social contemporâneo permeado de representações visuais” (ALMEIDA, 1999, p. 15). Analisar imagens implica exercitar a inteligência, a imaginação e a sensibilidade, de forma a extrair-lhes os sentidos, pois as imagens funcionam ao produzirem efeitos toda vez que são examinadas (ROSE, 2001).

No âmbito da investigação qualitativa no Brasil, além do campo dos Estudos Culturais, a

História, particularmente a História Cultural, mostrou-se muito receptiva aos usos da imagem como fonte. Como em qualquer outro campo acadêmico, também aqui se encontra a noção da imagem como ilustração. No entanto, como já referimos, não é esse uso que estamos discutindo neste texto. Ao contrário, pensamos, aqui, em *modos de ver* que ultrapassam a noção ilustrativa, para tomar a imagem a partir de si mesma e dos diálogos que, em uma pesquisa historiográfica, estabelece com outras fontes, sem que seja considerada como uma fonte menor.

As imagens são históricas e registram o contexto no qual foram produzidas e consumidas. Como fontes para o trabalho historiográfico, são indicadas porque permitem ver como os indivíduos de outro tempo representavam a si próprios e ao mundo, quais os valores e sentimentos que buscavam transmitir, seus sonhos e fantasias, enfim, os valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar (PESAVENTO, 2003).

A utilização da imagem só faz sentido no trabalho historiográfico se articulada ao problema a ser investigado e ao período da investigação, pois, como já foi mencionado, quanto mais diversas forem as fontes de pesquisa, mais possibilidade há de se aproximar daquilo que aconteceu um dia. Reside aí um importante recurso metodológico: não basta, ao historiador, acessar uma infinidade de fontes (imagens) se não souber dar-lhes voz, ou seja, se não tiver a capacidade de confrontá-las e de colocá-las em diálogo, tendo como eixo norteador o problema a ser investigado. Afinal, “a imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas” (MAUAD, 2004, p. 26).

A utilização de imagens como textos, no campo acadêmico dos Estudos Culturais e da História Cultural, possibilitou a emergência de uma série de pesquisas no âmbito da Educação Física brasileira, em especial, a partir do final dos anos 90 do século XX. Ainda que insipiente em termos de quantidade de trabalhos produzidos, vale registrar sua presença na medida em que parece ser um campo em expansão e consolidação.

Ao acessarmos o Banco de Teses da Capes, o Núcleo Brasileiro de Dissertações e Teses em

Educação, Educação Física e Educação Especial (NUTESSES)<sup>16</sup> e o portal Scielo, foram mapeadas poucas pesquisas que apresentam, em seus descritores, termos como *imagem*, *iconografia*, *cultura visual*, *fotografia* ou *cinema*, articulados com *esporte*, *educação física*, *lazer* ou *dança*. No tocante aos poucos textos mapeados, é possível indicar que grande parte das pesquisas produzidas estava, em um primeiro momento, vinculada a programas de pós-graduação em ciências sociais e humanas, notadamente, História e Educação e, posteriormente, a programas ligados à área da Educação Física e/ou Ciência do Movimento Humano. Esse deslocamento deve-se, *grosso modo*, ao ingresso de pesquisadores da Educação Física que cumpriram seu doutoramento em programas vinculados às ciências sociais para programas de sua área específica, nos quais criaram grupos e núcleos de estudos e formaram novos pesquisadores.

Alguns exemplos poderiam ser aqui destacados. Optamos por apontar três deles, pelo fato de estarem publicados na forma de livro, constituindo-se como referências a muitos trabalhos no campo acadêmico da Educação Física brasileira<sup>17</sup>: *Imagens da educação no corpo*; de Carmen Lucia Soares; *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*, de Silvana Velodre Goellner; e *Cinema & Esporte: diálogos* – de Victor Andrade de Melo.

*Imagens da educação no corpo* é um dos estudos pioneiros nessa perspectiva. Nele, as imagens (fotografias e pinturas produzidas no século XIX) compõem uma narrativa que diz sobre a ginástica como um espaço particular de educação do corpo daquele tempo.

*Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física* analisa as imagens e textos produzidos e reproduzidos pelo primeiro periódico específico da Educação Física brasileira, que circulou entre os anos de 1932 e 1945. Compõem o universo iconográfico da pesquisa as fotografias publicadas ao longo das oitenta e quatro edições da revista, cuja análise permite identificar a ênfase atribuída à beleza, à maternidade e à feminilidade, desenhando-se, assim, um jeito de *ser mulher*.

Em *Cinema & Esporte: diálogos* são as imagens em movimento aquelas que ganham a

cena. No estudo, o autor privilegia análises do cinema como linguagem, estabelecendo diálogos fecundos com outra linguagem plenamente visível na contemporaneidade: o esporte.

Estes três livros têm em comum a análise de imagem como fonte histórica, ultrapassando sua utilização como exemplo ilustrativo. Ao contrário: ao diversificarem as fontes de pesquisa, indicam quão fecundo é o diálogo entre a pesquisa histórica e a Cultura Visual.

Por certo, a análise de imagens não é tarefa fácil. Esse exercício tem se traduzido como um desafio para os pesquisadores das ciências sociais e humanas, cujas abordagens teórico-metodológicas são diversas e promissoras.

No PPGCMH, temos trabalhado com a perspectiva analítica proposta por Gillian Rose (2001, p. 11), fundamentalmente, pela articulação que a autora faz com a análise de discurso de inspiração foucaultiana, envolvendo três instâncias: os espaços de produção da imagem, o espaço da imagem em si e os espaços em que a imagem é visualizada pelos diversos públicos. Essas instâncias são atravessadas por três modalidades que as constituem, a saber: a modalidade tecnológica, que diz respeito aos aparatos utilizados para fazer ver as imagens; a composicional, que se refere ao conteúdo, às cores e aos posicionamentos em uso numa imagem; e, por fim, a modalidade social, que envolve “uma cadeia de relações, instituições e práticas econômicas, sociais e políticas que cercam uma imagem e através da qual é vista e empregada”.

Para cada uma dessas instâncias, Rose (2001) indica algumas perguntas a serem feitas. Para a etapa da produção da imagem, sugere: quando se deu a produção? Quem a produziu? Foi feita para outra pessoa? De que tecnologia depende sua publicação? Quais as identidades sociais do construtor, do proprietário e do sujeito da imagem? O gênero da imagem dirige-se a essas identidades sociais e às relações de sua produção? A forma da imagem reconstitui tais imagens e relações?

Para a análise da imagem em si, indica questões como: o que está sendo mostrado? Quais os componentes da imagem? Como estão arranjados? Faz parte de uma série? Para onde na imagem é atraído o olhar do espectador? Qual a função da cor? Que saberes estão sendo

utilizados? Os saberes de quem são excluídos dessa representação? Essa imagem é contraditória?

Finalmente, para a análise dos espaços nos quais a imagem é visualizada, aponta como importantes questões: qual era o público original dessa imagem? Onde e de que forma foi/é exibida? Como é sua circulação e armazenamento? Qual a função da cor? Como volta a ser exibida? Faz parte de uma série? De que forma as anteriores e subseqüentes afetam seus sentidos? Tem texto escrito para guiar a interpretação? Como identidades sociais (classe, gênero, raça, sexualidade, geração) estruturam diferentes interpretações?

Enfim, essa perspectiva de análise implica considerar que a visualidade (como vemos, como somos capazes de ver e o que podemos ver) não é natural nem universal, pois os marcadores sociais, como, por exemplo, gênero, classe, geração, sexualidade, etnia, religião, conformam nosso modo de ver. Nas palavras de Donna Haraway (1991), os modos de ver são histórica, geográfica, cultural e socialmente específicos.

Foi com base nessa linha de análise de imagens que Angelita Alice Jaeger desenvolveu sua tese de doutorado, intitulada *Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. Nessa pesquisa, a autora analisou os discursos produzidos no interior do fisiculturismo acerca da produção dos corpos das atletas, atentando para as representações construídas sobre suas arquiteturas corporais. Para tanto, utilizou como fontes de investigação textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais, tais como: a) livros sobre fisiculturismo; b) revistas específicas da modalidade esportiva, como, por exemplo, *Musclemag International* e o *Jornal de Musculação e Fitness*; c) sites das instituições representativas do fisiculturismo, com destaque para o da *Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação* e o da *Nabba Brasil*; d) sites do fisiculturismo internacional e brasileiro, tais como o *Fitness Model World*, *Hall of fame*, *Bodybuilding*, *Ironman Magazine* e *Hard fitness online magazine*; e) *Home pages* das atletas brasileiras e comunidades virtuais sobre fisiculturismo feminino.

Além das fontes colhidas em publicações e nos espaços virtuais, a autora recorreu a contatos presenciais com uma atleta em duas competições. Entrevistou Silvia Finocchi, reconhecida atleta da modalidade, e assistiu ao 13º Mister Pelotas de Culturismo, realizado em abril de 2008, e ao Campeonato Gaúcho de Fisiculturismo, que aconteceu na cidade de São Leopoldo em setembro do mesmo ano.

Instrumentada pelo aporte teórico que ancora a investigação (pelos Estudos Feministas, Estudos de Gênero e pelos Estudos Culturais), pela abordagem metodológica (análise de discurso de inspiração foucaultiana), ao analisar os textos e as imagens (particularmente a instância da imagem em si, proposta por Gillian Rose), a autora aponta as condições de emergência do músculo espetáculo, assinalando a posição de sujeito ocupada pelas mulheres no universo do fisiculturismo. Explícita, ainda, os ajustes produzidos pela modalidade para aceitar a potencialização muscular das mulheres em quatro modalidades que compõem o fisiculturismo feminino, a saber: *physique/culturismo*, *figure/body fitness*, *fitness/miss fitness*, *toned figure/wellness*.

Ao ler as imagens e ver os textos, Jaeger (2009) analisa os processos minuciosos que integram o gerenciamento cotidiano das mulheres para marcar nos seus corpos as exigências desse esporte, descrevendo as formas como estes são exibidos nas competições esportivas. Examina, ainda, o forte investimento que as atletas fazem para representar em seus corpos uma feminilidade que a autora adjetiva como *plural*, porque não está conformada a representações normatizadas do que seja ser *feminina*.

Por fim, acreditamos que considerar a Cultura Visual como um território a ser investigado por profissionais ligados ao campo da Educação Física brasileira se revela como uma necessidade, dada a centralidade da imagem na cultura contemporânea. Afinal,

As imagens que formam nosso mundo são símbolos, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam presenças vazias que completamos com o nosso desejo, experiência, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são matérias

do que somos feitos (MANGUEL, 2000, p. 21).

### ÉTICA NA CIÊNCIA: DESAFIOS PARA A PESQUISA QUALITATIVA

O avanço da investigação científica tem colocado os pesquisadores e a sociedade em geral diante de dilemas éticos de difícil solução. Disputas pela autoria e propriedade intelectual tornaram-se correntes nos meios acadêmicos. Não são incomuns as denúncias de desrespeito à integridade, aos valores e à dignidade dos sujeitos da pesquisa. As acusações de falsificação e fabricação de resultados, de plágio e de outras condutas inaceitáveis do ponto de vista da ética científica também estão na ordem do dia.

Além disso, aspectos econômicos e comerciais têm interferido cada vez mais nos rumos da pesquisa científica, gerando muitas vezes conflitos de interesse entre pesquisador e patrocinador do estudo. A destinação de recursos públicos vem exigindo das agências financiadoras uma maior atenção quanto à relevância social das pesquisas. São frequentes também os debates a respeito do financiamento público de pesquisas cujos resultados se dirigem mais diretamente aos interesses privados. Aumentaram as pressões para que os cientistas, sejam eles das ciências biológicas e da saúde ou das ciências humanas e sociais, dediquem-se a investigar e solucionar problemas que de fato contribuam para a felicidade e o bem-estar das pessoas.

Com isso, os aspectos éticos da pesquisa assumem, em nossos dias, substancial importância. Na prática científica, os pesquisadores defrontam-se com esses dilemas, e espera-se que sejam capazes de julgar, tomar decisões e agir de acordo com princípios e valores eticamente justificáveis. Em outras palavras, o pesquisador, como agente moral, deve estar em condições de fazer suas escolhas e de justificá-las com base em princípios e valores que estejam além dos seus interesses pessoais. Pensar eticamente pressupõe, como afirma Singer (1998), considerar os interesses de todos os que serão afetados pelas nossas decisões.

A Ética em Pesquisa surge, assim, da necessidade de examinar e oferecer respostas a problemas éticos relacionados à pesquisa científica. Trata-se de uma área de estudo que tem como foco principal a conduta dos pesquisadores no fazer científico. Dall`Agnol (2004, p.16) define a ética como “uma reflexão filosófica sobre a moralidade”, sendo a moral o “conjunto de costumes, modos de ser, regras, etc. que guiam o comportamento humano na busca do bem”. Para o autor, a “ética trata da justificação de nossas crenças morais”. Assim, como área de conhecimento, a Ética em Pesquisa procura responder às seguintes questões: podemos justificar (e de que modo) nossas crenças morais no âmbito das pesquisas que realizamos? Existem limites éticos à pesquisa científica? Se existem, quais são esses limites? Quais princípios éticos devem orientar a prática científica? Por que devemos seguir tais princípios e não outros? Evidentemente, estas questões desdobram-se em outras, constituindo um quadro complexo de indagações sobre as relações da ética com a ciência.

Um rápido olhar sobre os caminhos percorridos pela ciência até nossos dias é suficiente para evidenciar que a pesquisa envolvendo seres humanos não é um fato recente. Na realidade, tem ocorrido ao longo da história em diferentes tempos e lugares. Para fins deste artigo, é suficiente destacar alguns casos que se tornaram famosos e serviram de referência para o desenvolvimento da A Ética em Pesquisa.

Os registros documentais de pesquisas envolvendo seres humanos podem ser traçados até a segunda metade do século XVIII. Na época, médicos testavam vacinas em si mesmos, em familiares, conhecidos e escravos. O cientista inglês Edward Jenner ficou famoso por ter desenvolvido a vacina contra a varíola. Ele realizou um experimento no qual inoculou o vírus da varíola bovina (uma forma mais branda do vírus) em um menino saudável de oito anos, filho do seu jardineiro. O menino contraiu a doença e, após alguns dias de febre baixa, frio e falta de apetite, estava recuperado. No mês seguinte, Jenner inoculou-o com o vírus da varíola humana (forma mais violenta do vírus). Por ter desenvolvido imunidade a partir do contágio com a forma mais branda da doença, o

menino não contraiu a varíola humana. Experimentos desse tipo eram seguidamente realizados sem que os sujeitos envolvidos soubessem dos riscos que estavam correndo.

No início do século passado, não eram permitidos experimentos envolvendo o uso de novas drogas e procedimentos com pacientes, sem que antes se mostrassem seguros em pesquisas realizadas com animais. A participação voluntária de pessoas saudáveis era aceita, mas exigia conhecimento das circunstâncias e consentimento do participante. Apesar das condições e restrições impostas, experimentos questionáveis do ponto de vista ético, relacionados com etiologia, diagnose e prevenção de doenças como sífilis, febre amarela, tifo e herpes, foram conduzidos na época com crianças, prisioneiros, soldados e doentes mentais (LOUE, 2002).

Durante o século XX, vários episódios marcaram negativamente a história da pesquisa científica envolvendo seres humanos. Os mais conhecidos foram os estudos levados a efeito por cientistas alemães sob o domínio do nazismo. Na Segunda Guerra Mundial, os experimentos realizados, em especial nos campos de concentração, provocaram sofrimento, humilhação e morte a milhares de seres humanos.

Outro caso que abalou a opinião pública e a comunidade científica ocorreu nos Estados Unidos e ficou conhecido como o Experimento de Tuskegee. A pesquisa, promovida pelo Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, durou 40 anos (de 1932 a 1972) e envolveu seiscentos negros norte-americanos de uma comunidade pobre do Alabama, dos quais uma parte se constituía de portadores e parte de não portadores de sífilis. O estudo foi conduzido sem que os pacientes soubessem dos seus verdadeiros propósitos. Os pesquisadores informaram aos participantes que eles receberiam tratamento para *sangue ruim*, expressão usada pela comunidade local para designar várias doenças, entre elas, anemia, fadiga e sífilis, porém a pesquisa havia sido desenvolvida para registrar a evolução natural da sífilis e já se sabia de antemão que os participantes não receberiam tratamento para a doença. O caso tomou dimensão ainda maior por não ter sido oferecido tratamento aos

participantes do estudo mesmo quando, na metade da década de 1940, a penicilina se tornou uma alternativa viável para a cura da sífilis. Na verdade, os sujeitos da pesquisa foram enganados sobre os objetivos do experimento, não estando, dessa maneira, em condições de fornecer o seu consentimento livre e esclarecido. Da mesma forma, nunca lhes foi oferecida a possibilidade de encerrarem a participação no estudo, mesmo quando já havia tratamento para a doença. Os efeitos negativos do experimento são ainda hoje sentidos. Existem atualmente filhos e netos dos pacientes envolvidos na pesquisa recebendo benefícios médicos e de saúde (UNITED STATES OF AMERICA, 2009).

Os casos mencionados e outros ocorridos ao longo do século XX tiveram um enorme impacto na comunidade científica, fornecendo o ímpeto inicial para o desenvolvimento de documentos internacionais sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Diretrizes e normas orientadoras foram elaboradas com o intuito de salvaguardar o bem-estar dos sujeitos das pesquisas. O *Código de Nurembergue*, documento resultante do julgamento, em 1947, dos crimes de guerra cometidos por cientistas ligados ao nazismo, representa um marco nessa direção. O documento forneceu novos padrões de conduta, fundados na cultura dos direitos humanos, para a pesquisa científica no período do pós-guerra. O Código apresenta dez princípios, entre eles o consentimento voluntário para participar da pesquisa e o direito de encerrar a participação em qualquer momento. Estabelece também que os riscos envolvidos devem ser pesados em relação aos benefícios esperados.

Outro episódio marcante para a Ética em Pesquisa ocorreu em 1964, quando a Associação Médica Mundial adotou a *Declaração de Helsinque*. O documento desenvolve os princípios originalmente estabelecidos no *Código de Nurembergue*. Embora elaborada por uma organização médica, a Declaração não se dirigia apenas aos pesquisadores desta especialidade, mas à área da saúde em geral, e teve grande repercussão na comunidade científica mundial. Com o intuito de acompanhar os desafios colocados pela investigação científica, a *Declaração de Helsinque* passou, desde então, por várias

revisões, sendo que a última foi realizada em outubro de 2008. Entre outras contribuições importantes, a Declaração introduziu a possibilidade de se obter o consentimento informado por meio de representante legal toda vez que o sujeito da pesquisa não estivesse em plenas condições de dá-lo pessoalmente. Além disso, estabeleceu a necessidade de os protocolos de pesquisa serem encaminhados à consideração de comitês independentes, cuja tarefa principal é avaliar os aspectos éticos da pesquisa. Como veremos mais à frente neste artigo, tal recomendação foi incorporada às normas brasileiras da Ética em Pesquisa com a constituição do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa e dos Comitês de Ética em Pesquisa (Sistema CEP/CONEP).

Outro documento que merece destaque é o *Relatório Belmont*, publicado em 1978. Desenvolvido originalmente para atender às preocupações do governo norte-americano com os princípios orientadores da pesquisa envolvendo seres humanos no país, acabou influenciando os rumos da pesquisa em escala internacional. A comissão responsável pela elaboração do documento tinha por compromisso garantir o cuidado e os interesses das populações vulneráveis (crianças, pessoas com deficiências mentais, presidiários, etc.). O *Relatório Belmont* apresentou três princípios básicos orientadores da ética em pesquisa: a) respeito pelas pessoas (a autonomia dos sujeitos de pesquisa deve ser respeitada para que possam tomar decisões com liberdade e de acordo com seus valores); b) beneficência (o bem-estar dos sujeitos da pesquisa deve ser maximizado, e o dano, prevenido) e c) justiça (os sujeitos da pesquisa devem ser tratados com equidade, sendo-lhes garantida a igual distribuição de riscos e benefícios).

Em 1979, os princípios apresentados no *Relatório Belmont* foram sistematizados e reformulados por Beauchamp e Childress (1979). No livro *Principles of Biomedical Ethics* (Princípios de Ética Biomédica), os autores argumentam em favor de quatro princípios básicos: respeito à autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Na obra, o princípio da não maleficência, inicialmente contido no princípio da beneficência, recebe tratamento diferenciado. Assim, há uma distinção entre

ambos. O primeiro refere-se a não causar danos aos outros; o segundo, a fazer-lhes o bem. Os quatro princípios propostos por Beauchamp e Childress (1979) formam a base do *Princípioalismo*, a abordagem predominante para as reflexões sobre os problemas éticos na pesquisa envolvendo seres humanos.

No Brasil, a regulamentação da pesquisa com humanos tem início no final da década de 1980, com a aprovação da Resolução 01/1988 do Conselho Nacional de Saúde. Elaborada com base nos documentos internacionais já citados, apresenta normas para a pesquisa na área da saúde. A normatização não se dirige apenas aos estudos em seres humanos, mas inclui também animais e outros seres vivos. Existe uma preocupação especial com a pesquisa envolvendo menores de idade, indivíduos sem condições de dar consentimento e mulheres em idade fértil e grávidas. Para fins deste artigo, cabe destacar que a Resolução está orientada para as ciências da saúde, não se aplicando, assim, a pesquisas realizadas nas áreas das ciências humanas e sociais. O documento é claro nesse sentido ao afirmar que as pesquisas em saúde devem ser realizadas por profissionais da área. De acordo com a Resolução, são considerados profissionais de saúde: médicos, odontólogos, farmacêuticos, biólogos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e médicos veterinários. Esse aspecto da regulamentação então em vigor é interessante por evidenciar que não havia necessidade de os pesquisadores de outras áreas, entre elas, das ciências humanas e sociais, submeterem seus estudos aos Comitês de Ética.

Nos anos de 1990, a Resolução 01/1988 foi substituída pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Considerada um marco na Ética em Pesquisa no país, essa regulamentação encontra-se em vigor. Assim como a anterior, fundamenta-se nas principais declarações e diretrizes internacionais para pesquisa envolvendo seres humanos, incorporando os quatro referenciais básicos da ética em pesquisa: respeito à autonomia, não maleficência, beneficência e justiça.

A Resolução CNS 196/96 cria no país um sistema de avaliação ética para a pesquisa com seres humanos, o Sistema CEP/CONEP,

composto pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep). De acordo com a Resolução, as instituições que realizam pesquisa envolvendo seres humanos devem constituir um ou mais comitês de Ética em Pesquisa. Estabelece-se também que toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida à apreciação de um CEP, cuja função primordial é “defender os interesses dos sujeitos da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos”. Os CEPs são órgãos colegiados de caráter consultivo, deliberativo e educativo. Sua composição é interdisciplinar, incluindo profissionais da área da saúde, das ciências exatas e das ciências humanas e sociais. Fazem parte também um ou mais membros da sociedade, representando os usuários da instituição a que o CEP está vinculado.

A Resolução estabelece que a pesquisa envolvendo seres humanos se processe somente após consentimento livre e esclarecido do sujeito da pesquisa e/ou de seu representante legal, no caso de indivíduos em situação de vulnerabilidade ou legalmente incapazes. Existem também exigências quanto à confidencialidade, privacidade, proteção da imagem e não estigmatização dos pesquisados, sejam indivíduos ou coletividades. Nesse sentido, a regulamentação brasileira preocupa-se em estabelecer exigências para que o pesquisador respeite a cultura, os costumes e os valores das pessoas e comunidades estudadas.

É importante referir que o documento adota um conjunto de termos e definições que necessitam ser claramente entendidos e empregados no âmbito da pesquisa envolvendo seres humanos. Para exemplificar, apresentamos abaixo alguns termos aqui utilizados cujos significados seguem o estabelecido na Resolução:

- Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – pesquisa que, individual ou coletivamente, envolva o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais.
- Risco da pesquisa – possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano,

em qualquer fase de uma pesquisa e dela decorrente.

- Vulnerabilidade - refere-se a estado de pessoas ou grupos, que por quaisquer razões ou motivos, tenham a sua capacidade de autodeterminação reduzida, sobretudo no que se refere ao consentimento livre e esclarecido.

A legislação brasileira sobre Ética em Pesquisa identifica-se, assim, com as preocupações internacionais de garantir os direitos e o bem-estar dos sujeitos de pesquisa, evitando que a prática científica os coloque em risco ou lhes provoque danos. É importante lembrar que, a partir da aprovação da Resolução CNS 196/96, todas as pesquisas envolvendo seres humanos, e não apenas as da área da saúde, devem ser encaminhadas para avaliação do ponto de vista ético. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é uma exigência para a avaliação de projetos de pesquisa pelos Comitês de Ética. Dessa forma, todo pesquisador que realiza estudos com indivíduos ou comunidades deve estar ciente da necessidade do TCLE e saber elaborá-lo. Apresentamos a seguir algumas das características essenciais desse documento.

Inicialmente, destacamos que o TCLE tem por objetivo garantir a autonomia do sujeito de pesquisa, permitindo-lhe que, de maneira livre e esclarecida, possa decidir a respeito da participação ou não no estudo. Para que esse objetivo seja atingido, é necessário que o esclarecimento seja feito em linguagem acessível aos sujeitos da pesquisa. Assim, quando da elaboração do Termo de Consentimento, devemos considerar o nível educacional, a área profissional, a cultura linguística, etc. das pessoas e comunidades a quem o documento está sendo dirigido. Neste sentido, recomendamos evitar a linguagem técnica e dar ênfase às expressões de uso comum.

Além disso, devemos realizar o máximo esforço para que os participantes tenham uma clara compreensão das razões e dos objetivos do estudo e dos procedimentos que serão utilizados. Os riscos e desconfortos precisam ser claramente apresentados, bem como os benefícios esperados. É importante que os participantes estejam cientes de que podem

buscar esclarecimentos com o pesquisador antes e durante a pesquisa e de que podem se recusar a participar ou retirar o consentimento em qualquer etapa da pesquisa, sem que, por isso, sejam prejudicados ou penalizados. O TCLE evidencia, ainda, que o pesquisador tem o dever de garantir a confidencialidade dos envolvidos na pesquisa e de assegurar a sua privacidade.

Por fim, o TCLE deve conter informações referentes: a) ao pesquisador responsável (nome e telefone/*e-mail* para contato) e ao CEP (telefone e/ou *e-mail* para contato) que referendou a pesquisa; b) à forma de ressarcimento, quando houver, das despesas decorrentes da participação na pesquisa; c) à forma de acompanhamento e assistência prestada aos sujeitos do estudo; d) à forma de indenização em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Depois de elaborado, o documento precisa ser aprovado pelo CEP. Quando da obtenção do consentimento, o TCLE deverá ser assinado, em duas vias, pelo sujeito da pesquisa e/ou por seu representante legal, ficando uma via com o pesquisador e a outra com o participante da pesquisa.

Chamamos a atenção para o fato de que as informações aqui apresentadas se referem tão somente aos aspectos essenciais do TCLE, não se retirando a necessidade de consulta às normas em vigor no país e do estudo da literatura específica sobre o assunto.

Apesar dos avanços obtidos até o momento, a investigação científica envolvendo seres humanos ainda apresenta vários desafios éticos. Como observado ao longo do artigo, as preocupações éticas com o fazer científico têm suas origens e posterior desenvolvimento mais diretamente ligados às pesquisas realizadas nas ciências biológicas e da saúde; entretanto, cada vez mais essas preocupações se fazem sentir nas ciências humanas e sociais. Nas últimas décadas, pesquisadores das áreas da Sociologia, História, Ciência Política, Antropologia, Educação, entre outras, têm se questionado quanto à adequação das abordagens atuais da Ética em Pesquisa aos problemas de suas especialidades acadêmicas. Perguntam se tais abordagens dão conta das tradições de pesquisa e dos dilemas éticos enfrentados quando estudam valores,

significados, crenças, interesses e desejos. Dessa forma, a Ética em Pesquisa configura-se também como um espaço de disputas e debates.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a pesquisa qualitativa no campo da Educação Física brasileira não é tarefa fácil nem simples, especialmente porque há um leque considerável de desenhos, instrumentos, possibilidades. Neste artigo tentamos explicitar essa pluralidade, indicando o marco teórico e os modos de usar algumas abordagens da investigação qualitativa realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Nesse sentido, elaboramos este texto coletivo, cujo esforço marca a tentativa de partilhar nossa experiência na condução da disciplina *Instrumentos para coleta e investigação em pesquisa qualitativa*. Em que pese à especificidade de cada abordagem, acreditamos que as questões aqui analisadas permitem várias leituras, diálogos, críticas e referências. Essa foi a nossa intenção, pois o aprofundamento do tema, além de promissor, é necessário para o campo da Educação Física brasileira.

#### Notas:

1. “O Método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola”, de Silvana Vilodre Goellner, orientada pelo Dr. Adroaldo Cezar Araújo Gaya.
2. O ponto de partida desse método é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, nativos de carne e osso (FONSECA, 1999, p. 58)
3. Para Laraia (1996), cada cultura tem a suas lógicas próprias.
4. Essa linha de investigação é liderada pelo Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte, coordenado por Vicente Molina Neto.
5. Este trabalho recebeu o prêmio de literatura científica do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (2009) e foi apresentado na Conferência Européia de Pesquisa em Educação, despertando o interesse de pesquisadores estrangeiros pelo achados da investigação e pelo desenho metodológico inovador.
6. A especificação das teses, dissertações e demais pesquisas podem ser acessadas no endereço: <http://www.esef.ufrgs.br/f3p-efice/>.
7. Inspirados em Chartier (1991), entendemos o conceito de apropriação: “a apropriação, a nosso ver, visa uma

história social dos usos e das interpretações, referidas a suas determinações fundamentais e inscritas nas práticas específicas que a produzem. Assim, voltar a atenção para as condições e os processos que, muito concretamente sustentam as operações de produção do sentido (na relação de leitura, mas em tantos outros também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem as inteligências nem as ideias são desencarnadas, e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam elas filosóficas ou fenomenológicas, devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas (CHARTIER, 1991, p. 180).

8. A obra de Fernando de Azevedo intitulada *Da Educação Física* tem sua origem em estudos pioneiros do autor acerca da área, no ano de 1915. Enfatizando a importância e a contribuição da ginástica e dos esportes ao desenvolvimento do ser humano “por inteiro”, ultrapassando as dimensões físicas do corpo, a obra foi reeditada no Brasil por três vezes: em 1915, 1920 e a última edição em 1960. Esta passagem foi retirada do título da obra em sua terceira edição, no ano de 1960: *Da Educação Física: O que ela é, o que tem sido e o que deveria ser*.
9. Acesso em: 19 out. 2009.
10. De acordo com Saviani (2004), as fontes históricas são sempre produções humanas, ao requererem a participação direta do pesquisador neste processo. Assim, o autor advoga a favor de uma diferenciação entre aquelas que se constituem de modo espontâneo, comportando-se como se fossem fontes *naturais*; e aquelas que produzimos intencionalmente. Se no primeiro grupo encontramos aquelas localizadas nos mais diversos acervos e arquivos, no segundo, estão aquelas que são disponibilizadas de forma proposital para o uso em estudos futuros e também aquelas criadas pelo próprio pesquisador, por exigência de seu objeto de estudo.
11. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>> Acesso em: 7 maio 2009
12. Disponível em: <<http://www.nuteses.ufu.br/>> Acesso em: 26 out. 2009.
13. Sobre as relações entre pragmática e pragmatismo ver o texto *Desfazendo mitos sobre a pragmática*, de autoria de Danilo Marcondes (2000).
14. Lembremos aqui o amplo uso de imagens nos tratados de anatomia produzidos desde o século XVI, como, por exemplo, *De humani corporis fabrica*, escrito por Andrea Vesalius em 1543.
15. Sobre a origem dos Estudos Culturais, ler: *O que é, afinal, Estudos Culturais?* (SILVA, 1999) e *Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares* (COSTA, 2004).
16. Disponível em: <<http://www.nuteses.ufu.br/>> Acesso em: 20 out. 2009.
17. A organização de grupos de pesquisa próprios, as orientações e outras pesquisas desenvolvidas por esses pesquisadores podem ser acessadas no Currículo Lattes de cada um deles.

---

**QUALITATIVE RESEARCH IN BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION: THEORETICAL POSITIONS AND USAGES**
**ABSTRACT**

The aim of this paper is to present the shared experience of postgraduate professors in teaching the discipline of qualitative research methods at the Postgraduate Program of Human Movement Sciences of the Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil. The article is organized in five main topics: ethnography, historiographical research, discourse analysis, visual data analysis, and research ethics. For each topic a theoretical framework are sketched and some examples of how to use it based on the research work carried out by postgraduate students are presented.

**Keywords:** Qualitative research. Ethnography. Historiographical research. Discourse analysis. Visual data analysis. Research ethics.

---

**REFERÊNCIAS**

- ALBERTI, V. **História oral e a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALMEIDA, M. J. **Cinema: arte da memória**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- ARAÚJO, M. L.; MOLINA NETO, V. "Essanegrão!". A prática pedagógica de uma professora negra em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 29, n. 2, p. 203-225, jan. 2008.
- AZEVEDO, F. **Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser** (seguido de Antinous). São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BEAUCHAMP, T. L.; CHILDRESS, J. F. **Principles of biomedical ethics**. New York: Oxford University, 1979.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BERGER, J. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BOSSLE, C. **Personal Trainer & Cia: noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado**. 2009. Dissertação (Mestrado)—Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- BOSSLE, F. **O "eu do nós": o professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. 2008. Tese (Doutorado)—Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1992.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n.º 01**, Brasília, 1988. Onde?
- BRASIL. **Resolução n.º 196**, Brasília, 1996.
- BURKE, P. **O que é História Cultural**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.
- CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DA MATTA, R. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DALL'AGNOL, D. **Bioética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- DENZIN, N. K. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed: Bookman, 2006.
- DURHAM, E. Prefácio. In: MACEDO, C. C. **Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 7-10.
- FARACO, C. A. Zellig Harris: 50 anos depois. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, p. 247-252, 2003.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 197-123, 2001.
- FISCHMAN, G. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In:
- FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p.58-78, 1999.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1989.
- GOELLNER, S. V.; MELO, V. A. Educação física e história: a literatura e a imagem como fontes. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Org.). **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 105-114.
- GREGOLIN, M. R. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.
- GUNTHER, M. C. C. **A prática pedagógica dos professores de educação física e o currículo organizado em ciclos: um estudo na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**, 2009. Tese (Doutorado)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- GUNTHER, M. C. C. **Formação permanente de professores de educação física na rede municipal de ensino de porto alegre no período de 1989 a 1999: um estudo a partir de quatro escolas da rede**. 2000. Dissertação (Mestrado)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
-

- HARAWAY, D. S. **Cyborgs, and women: the reinvention of nature**. London: Free Association, 1991.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ĨNIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JAEGER, A. A. **Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo**. 2009. Tese (Doutorado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- JENKS, C. (Ed.). **Visual culture**. London: Routledge, 1995.
- LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- LOUE, S. **Textbook of research ethics: theory and practice**. New York: Kluwer Academic, 2002.
- LOURO, G. Corpo, escola e identidade. In: \_\_\_\_\_. **Currículo, gênero e sexualidade**. Portugal: Porto Editora, 2000. p. 87-107.
- LOURO, G. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade, proposta de análise e escolha do objeto. In: OLIVEIRA, p. s. (Org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 183-197.
- LOURO, G. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MANGUEL, A. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: MANGUEL, Alberto (Org.). **Lendo imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 15-34.
- MARCONDES, D. Desfazendo mitos sobre a pragmática. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 38-46, 2000.
- MARINHO, I. **História da educação física e desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ebal, 1952.
- MAUAD, A. M. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Org.). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-37.
- MAZIÈRE, F. **A análise do discurso: história e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MELO, V. **História da educação física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. São Paulo: Ibrasa, 1999.
- MENESES, U. T. B. de. Fontes visuais, cultura visual, História visual: balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.
- MIRZOEFF, N. **An introduction to visual culture**. London: Routledge, 1999.
- MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.
- MITCHELL, W. J. T. Showing seeing: a critique of visual culture. **Journal Visual Studies**, London, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2002.
- MOLINA NETO, V. et al. Reflexões sobre a produção do conhecimento em educação física e esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 28, n. 1, p. 145-165, set. 2006.
- MOLINA NETO, V.; MULLER, M. A.; AMARAL, L. O Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humana da ESEF/UFRGS: a visão dos estudantes sobre seu processo de formação profissional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, SP, v. 24, n. 2, p. 75-96, jan. 2003.
- NELSON, C.; TREICHLER, P.; GROSSBERG, L. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995 p. 7-38.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, 13-37, 1996.
- OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: \_\_\_\_\_. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996. p. 17 - 35.
- ORLANDI, E. P. A Análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DE DISCURSO, 1., 2003, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003. 1CD-ROM. p. 1-18.
- ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- PESAVENTO, S. J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROLIM, L. H. **A chama que arde em nossos clubes: a corrida de revezamento do fogo simbólico da Pátria em Porto Alegre (1938-1947)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. ESEF/UFRGS, 2008.
- ROSE, G. **Visual methodologies**. London: Sage Publications, 2001.
- ROWLAND, R. **Antropologia, história e diferença: alguns aspectos**. 3. ed. Porto: Afrontamento, 1997.
- RUQUOY, D. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: ALBARELLO, L. et al. **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997. p. 84-116.
- SANTOS, M. V. **O estudante negro na cultura estudantil e na educação física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado)–Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SAVIANI, D. Breves considerações sobre fontes para a História da Educação. In: LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. **Fontes, história e historiografia da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2004. p. 3-12.
- SCHERER, A. **O conhecimento pedagógico do professor de educação física na escola pública da rede estadual de ensino e sua relação com a prática docente**. 2000. Dissertação (Mestrado)–Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

- SILVA, P. Sexo, Gênero, Biologia, Cultura. In: \_\_\_\_\_. **A construção/estruturação do gênero na Educação Física**. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 2007.
- SILVA, S. A. **Tempos cruzados**: um estudo interpretativo da cultura popular. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- SILVA, T. T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999
- SILVA, T. T. **Teoria cultural e educação**: vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000
- SILVEIRA, R. **Esporte, homossexualidade e amizade**: estudo etnográfico sobre o associativismo no futsal feminino. 2008. Dissertação (Mestrado)—Escola de Educação Física, Universidade Federal do rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.
- SINGER, P. **Ética prática**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- STIGGER, M. P. Estudos etnográficos sobre esporte e lazer: pressupostos teórico-metodológicos e pesquisa de campo. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando; SILVEIRA, Raquel da. **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. p. 31–50.
- STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. In: STIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, H. (Org.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 11-26.
- UNITED STATES OF AMERICA. Centers for Disease Control and Prevention. **U.S. Public Health Service Syphilis Study at Tuskegee**. Disponível em: <<http://www.cdc.gov/tuskegee/index.html>>. Acesso em: 12 dez. 2009.
- VELHO, G. [Entrevista concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira]. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, 2001.
- WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- WINKIN, Y. Descer ao campo. In: \_\_\_\_\_. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 129–145.
- WITTIZORECKI, E. S. **Mudanças sociais e o trabalho docente do professorado de educação física na escola de ensino fundamental**: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2009. Tese (Doutorado)-Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Recebido em 05/11/2009

Revisado em 17/07/2010

Aceito em 20/07/2010

---

**Endereço para correspondência:** Silvana Goellner. Escola de Educação Física – UFRGS. Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, CEP 90690-200, Porto Alegre-RS, Brasil. E-mail: [goellner@terra.com.br](mailto:goellner@terra.com.br)